

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
Comunicação Social – Jornalismo

ERIKA SUZUKI

W3 Sons
A estética da radioreportagem

BRASÍLIA
2012

ERIKA SUZUKI

W3 Sons
A estética da radioreportagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em
atendimento aos requisitos para obtenção do
diploma de Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo

BRASÍLIA
2012

ERIKA SUZUKI

W3 Sons
A estética da radioreportagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em
atendimento aos requisitos para obtenção do
diploma de Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo

Prof. Orientador Sérgio Galdino, Me.

BRASÍLIA, 05 DE NOVEMBRO DE 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edla Lula

Prof. Luiz Cláudio Ferreira

Aos ouvintes

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho:

Em especial, aos meus pais. Obrigada por estarem sempre presentes, principalmente, nos momentos difíceis.

A cada um dos entrevistados que me recebeu de coração aberto e com um sorriso no rosto.

Aos professores e amigos de jornada, minha gratidão pelos bons momentos de conversa e pela troca de ideias e experiências.

Ao pessoal do laboratório de rádio, agradecimentos especiais ao Sr Jackson Sena, com quem dividi tantos cafezinhos, e ao grande Eliseu Caires, pessoa humana e, por isso, finíssima.

A todos vocês, obrigada.

“(...) O jornalismo se aprende fazendo. Você pode ter toda a base teórica do mundo, e muitas universidades dão essa base teórica. Mas você precisa começar a mexer. É um negócio artesanal. Você precisa aprender a fazer, fazendo. Se você é talentoso e tem a vocação, você vai começar a mexer com aquilo e sentir naturalmente quais são os limites, onde que você tem que pegar um pouco mais pesado, como é que você tira uma informação melhor. Tudo isso vem com o tempo e a experiência, mas precisa fazer. (...)”

Ana Paula Padrão

Sumário

Introdução	08
O rádio como meio de expressão	11
A estética da radioreportagem	15
O objeto: a W3 Sul	19
Série Especial – W3 Sons	21
1. Reportagem 1 – <i>O narrador</i>	25
2. Reportagem 2 – <i>Deixas musicais</i>	26
3. Reportagem 3 – <i>Diálogos</i>	27
4. Reportagem 4 – <i>Sinestesia</i>	29
5. Reportagem 5 – <i>Discurso a sete vozes</i>	30
Considerações finais	31
Referências	34
Anexos	37
Entrevistas	37
Cronograma	43
Reportagens	44

Resumo

W3 Sons: a estética da radioreportagem é uma série de cinco reportagens sobre a W3 Sul, uma avenida de Brasília. Este trabalho de conclusão de curso – projeto experimental na modalidade produto de comunicação – busca explorar os recursos da linguagem radiofônica para o gênero em questão. O objetivo é retratar o lugar como era, é e pode vir a ser a partir da memória e opinião de oito entrevistados e, assim, refletir sobre as possibilidades estéticas da radioreportagem.

Palavras-chave: Linguagem Radiofônica. Radioreportagem. Estética.

Introdução

Este trabalho, um projeto experimental na modalidade produto de comunicação, consiste em uma série de cinco reportagens para rádio sobre a W3 Sul, tradicional avenida de Brasília. A ideia é falar sobre a revitalização do local. Entretanto, o trabalho não se encerra no produto em si. Uma breve análise da estética das radioreportagens produzidas é feita a partir de aspectos como a presença do narrador, as vozes que compõem o discurso e os recursos sonoros utilizados. O objetivo deste trabalho é a sensibilização para o uso dos sons na reportagem.

As matérias, de até cinco minutos cada, foram produzidas com base no áudio de uma entrevista de Lúcio Costa de 1988, cedido pelo Arquivo Histórico do Distrito Federal, e em sete entrevistas gravadas entre os dias 27 de julho e 20 de agosto deste ano com pioneiros da cidade – Sr Hely Couto, Sr Simon Pitel, Seu Jair do Apito e Seu João Carlos – e arquitetos envolvidos com o tema.

Rejane Vianna e Vera Brandão são assessoras técnicas na Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Sedhab). Frederico Flósculo é professor de arquitetura e urbanismo na Universidade de Brasília, vencedor do concurso promovido em 2002 pelo governo local para revitalizar a W3. Além das entrevistas, foram captados sons da avenida e utilizados ruídos, efeitos e músicas com a intenção de enriquecer o texto radiofônico.

Cabe dizer que a escolha da W3 Sul como objeto das reportagens se deve ao desejo de ver no ar coberturas alternativas de temas locais. Segundo Chantler e Stewart (apud ANTÓN, 2005), imaginação no radiojornalismo não significa capacidade de inventar estórias, mas de ter novas ideias para reportagens e o tratamento delas, assim como de ir atrás da notícia em lugares improváveis¹.

O enfoque do trabalho é a linguagem e os seus elementos informativos. Neste sentido, o processo de apuração e reportagem mostra-se fundamental para este estudo. “Quanto mais fatos levantados com rigor, mais possibilidades narrativas são abertas ao jornalista. [...] a informação apurada acaba por nos ajudar a esculpir a reportagem, define a forma que ela vai assumir” (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 147 e 148).

¹ “The quality of imagination in a radio journalist does not mean the quality of making up stories, but having ideas for news stories and their treatments, as well as seeing newsworthy possibilities in unpromising places” (CHANTLER e STEWART, 2003 apud ANTÓN, 2005, p. 137).

A ideia de analisar a estética da radioreportagem partiu de uma inquietação pessoal acerca do potencial da linguagem na rádio informativa. A questão advém da observação de dois fatos inter-relacionados. Primeiro, há um predomínio quase que exclusivo do uso da palavra falada nas reportagens veiculadas pelo rádio, sendo que outros sons poderiam ser utilizados para enriquecer as narrativas. Segundo, existem poucos estudos sistemáticos sobre a reportagem e escasso repertório de referência para nortear as produções.

Em geral, os radiojornalistas orientam-se por dicas e regras esparsas reunidas em manuais elaborados por emissoras e outros profissionais. Apesar de os manuais terem como objetivo facilitar a prática diária, por sua própria característica, eles são limitados na perspectiva de dar uma visão abrangente e consistente da radioreportagem. Dentro deste contexto, poucos avanços na estética do discurso radiojornalístico são notados (PRADO, 1989).

O radiojornalista procura levar em consideração características próprias do rádio, como a oralidade e a efemeridade, para escrever para o meio. Os textos radiofônicos informativos também podem ser enriquecidos com o uso dos recursos sonoros não-verbais e combinando a notícia com gêneros mais expressivos, como o radiodrama. Se isso não é feito, fatores como acomodação, falta de tempo e economia narrativa são apontados como justificativas (PEREIRA JUNIOR, 2010).

[...] hemos detectado cierta comodidad en los periodistas que se han decantado por los géneros que menos esfuerzo requerían, los que menos despiertan el interés de los oyentes; esto, sin atender a los criterios estéticos: han limitado las infinitas combinaciones del lenguaje casi exclusivamente al uso de la palabra, no han utilizado ni los silencios ni determinado tipo de efectos, han dado poco valor a la música, y han primado el uso de la noticia sobre el resto de géneros, sin combinarla con otros más expresivos. (JIMÉNEZ, 2003 apud ANTÓN, 2005, p. 139)

Este trabalho concentra-se no estudo da reportagem diferida. Não foram realizadas reportagens simultâneas, que têm outros aspectos a serem analisados, como o inesperado, a improvisação e a participação do repórter na reconstrução sonora dos espaços (CABRAL, 2010).

A pesquisa baseia-se no método bibliográfico e na análise do processo de produção. A leitura concentra-se nos aspectos plásticos da linguagem. Algumas produções disponíveis em sites na internet servem de referência, como os especiais da Rádio Nacional, Cultura, Câmara

e CBN². No caso do objeto – a revitalização da W3 Sul –, informações sobre o assunto foram atualizadas por meio da leitura de livros, jornais e entrevistas.

O primeiro capítulo do trabalho – O rádio como meio de expressão –, como o título sugere, reúne breves noções sobre a expressividade do meio a partir da percepção crítica de autores, como Rudolf Arnheim e Emma Antón. O segundo capítulo – A estética da radioreportagem –, por sua vez, concentra-se na reportagem enquanto elemento da rádio informativa e destaca alguns aspectos estéticos da linguagem radiofônica (fala, ruídos, efeitos sonoros, música e silêncio). O terceiro capítulo – O objeto: a W3 Sul –, traz informações apuradas sobre o objeto de investigação jornalística. O capítulo seguinte apresenta um sucinto esquema do processo de produção da série como um todo e um relato-análise de cada reportagem separadamente. Nas considerações finais, tecem-se comentários gerais sobre os resultados alcançados. A transcrição das entrevistas, o cronograma e as laudas das reportagens estão nos anexos.

Este projeto representa, em suma, uma oportunidade a mais para a prática e a reflexão radiojornalística. O conhecimento das singularidades do rádio pelos repórteres e produtores pode ajudá-los a aprimorar os textos. A eficácia na comunicação depende do equilíbrio entre forma e conteúdo e, em rádio, isso requer ouvidos atentos. A sonoridade, afinal, é a matéria-prima do meio.

Como se vê, o projeto busca articular pesquisa, prática e experiência pessoal. A pesquisa envolve, basicamente, dois aspectos: a expressividade do rádio e o objeto de investigação jornalística, a W3 Sul. Já a prática consiste no desenvolvimento do produto, enquanto a experiência pessoal se manifesta através do relato sobre o processo de produção.

² O programa nova-iorquino *Radiolab* da *National Public Radio (NPR)* chama a atenção pela utilização dos recursos de áudio. Outras iniciativas como o campeonato nacional de *storytelling* na mesma emissora norte-americana, o Conte sua história de São Paulo de Milton Jung, inspirado no trabalho de Paul Auster na *NPR* (leitura de narrativas de ouvintes), o radiodrama informativo produzido pela Câmara dos Deputados e algumas reportagens especiais da CBN também parecem ser exemplos de uso criativo da linguagem radiofônica no âmbito informativo.

O rádio como meio de expressão

O rádio é um meio de comunicação que possui características como oralidade, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, sensorialidade e autonomia, segundo Ortriwano (1985 apud MARTINEZ, 2012). Neste trabalho, destaca-se a expressividade do meio, aspecto relacionado à sensorialidade:

No veículo, a recriação do fato se dá por meio dos sons do emissor e da imaginação do receptor. Em outros meios, como a televisão e as mídias impressa e digital, a imaginação seria limitada pela presença de imagens. No rádio, a imaginação é ativada através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as palavras tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. (ORTRIWANO, 1985 apud MARTINEZ, 2012, p. 112)

O rádio, portanto, não é só um meio de difusão de informação, mas também um meio de expressão. O potencial estético deste suporte é analisado por Arnheim (1936 apud MEDITSCH, 2004) no início da década de 1930, período em que a radiodifusão se encontra relativamente disseminada pelo mundo. A nova forma de expressão que utiliza a palavra, a música e os ruídos na “recriação do real e na criação do imaginário” (BALSEBRE in MEDITSCH, 2005, p. 327) revela-se completa, mesmo que “cega”.

No texto *Elogio da cegueira*, capítulo do livro *Rádio: uma arte sonora*, Arnheim destaca a completude dos diversos meios de expressão existentes à época, como o cinema mudo e falado, pois cada suporte possui uma estética própria, com limites e potencialidades em termos de recursos expressivos. O importante é seguir o que ele chama de “lei da economia”, ou seja, diante da escassez de recursos, o artista deve incluir na obra de arte o que é essencial para expressar o que deseja. “[...] o que falta a uma determinada linguagem artística (a cor da pele numa estátua, por exemplo) não deve ser visto como um obstáculo à expressão adequada, mas sim como estímulo para que o artista encontre formas de dirigir a atenção do público à essência do que quer representar” (ARNHEIM, 1936 apud MEDITSCH, 2004, p. 4).

Além disso, Arnheim destaca alguns aspectos interessantes da estética radiofônica. Entre os mais importantes, está a noção de que o rádio como meio de expressão proporciona “uma nova experiência ao artista, ao amante da arte e ao teórico” (ARNHEIM, 1936 apud MEDITSCH, 2004, p. 4), no sentido de que a matéria-prima do rádio é o “audível” existente

no mundo natural e artificial, isto é, todos os sons da natureza e produzidos pelo ser humano que são perceptíveis a ele.

Outro aspecto destacado no texto é a capacidade do rádio reproduzir a realidade de maneira mais concreta e viva que a palavra no papel impresso. Ainda de acordo com o mesmo autor, a “cegueira do rádio” favorece a fantasia e realça aspectos da fala, como o tom de voz, que podem revelar mais que as palavras pronunciadas.

Arnheim (apud MEDITSCH, 2004), ao comparar os meios existentes no seu tempo, conclui que o rádio é o único capaz de unir os recursos expressivos da música e da literatura em uma forma de expressão superior devido à junção do potencial emocional da música com o potencial intelectual da literatura.

Na rádio, os sons e as palavras revelam a realidade com a sensualidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons mundanos e espirituais, fazendo assim a música penetrar no mundo das coisas; o mundo se enche de música, e a nova realidade criada pelo pensamento se oferece de modo muito mais imediato e mais concreto do que no papel impresso: o que até há pouco haviam sido somente ideias escritas, passou a ser algo materializado e bastante mais vivo. (ARNHEIM, 1936, p. 16 apud MEDITSCH, 2004, p. 2 e 3)

O autor faz outros apontamentos sobre os limites do meio. Arnheim acredita, por exemplo, que a experiência musical e teatral podem ser vivenciadas com mais densidade psicológica sem a imagem da orquestra e dos cenários. Isso porque os músicos podem constituir um obstáculo ao movimento dos sons e a percepção das falas emitidas por atores minúsculos em palcos imensos pode ser prejudicada (ARNHEIM apud MEDITSCH, 2004, p. 5).

Arnheim contesta também a suposta necessidade da mensagem no rádio ser complementada pela imaginação visual do ouvinte com o exemplo do locutor que apresenta um texto. “[...] a complementação visual neste caso não ocorre: o ouvinte não fica imaginando o rosto do locutor ou o estúdio em que se encontra. E não ocorre porque não é necessária, não acrescenta nada relevante à comunicação” (ARNHEIM, 1936 apud MEDITSCH, 2004, p. 4 e 5).

Mcleish (2001) argumenta que a “cegueira do rádio” pode ser um diferencial para o meio, pois a imagem projetada na mente do ouvinte pode ser até mais interessante que a imagem vista na tela da tevê. A imaginação, em tese, é ilimitada e o tamanho da tela, não. O repertório imagético de cada indivíduo que ouve ou sente as vibrações sonoras vindo a ser o único condicionante.

O som afeta as pessoas física e psicologicamente, porque existe no mundo material e simbólico. Freberg (apud MCLEISH, 2001) ilustra a eficiência do som como elemento semiótico com o famoso exemplo da montanha de chantilly que cai dentro de um lago de chocolate quente. O som é em si movimento. “O que permanece imóvel não soa. [...] As presenças do mar e de um relógio podem ser facilmente captadas por meio auditivo, mas as de uma flor e de um vaso não podem ser adivinhadas senão pelo olfato, a visão, ou o tato – a não ser pelo auxílio da ação da palavra” (ARNHEIM, 1936 apud MEDITSCH, 1999, p. 140).

Cabe destacar a musicalidade do rádio. Se o som pode ser utilizado para compor de canções a sinfonias de tirar o fôlego, ele pode, em tese, compor também reportagens, programas e documentários riquíssimos. Por isso, uma sensibilização em relação aos sons e à expressividade do meio parece ser útil aos radiojornalistas. Afinal, trata-se de uma maneira de se tomar consciência dos elementos sonoros, suas múltiplas possibilidades combinatórias e seus efeitos expressivos, bem como de sua efetividade quando utilizados para comunicar ideias, pensamentos e sentimentos.

No radiojornalismo, autores, como Ferraz (2012), reconhecem que ainda existe uma influência do impresso e da tevê nos textos radiofônicos. E pesquisadores, como Vicente (2011), continuam a concordar com Prado (1989, p. 36), para quem “O rádio informativo permanece ancorado nas velhas fórmulas e afastado da busca de uma nova expressividade”. O autor ainda alfineta:

Em definitivo, a manipulação é inevitável tanto com a utilização de todos os recursos expressivos do rádio como sem eles, o que nos leva a pensar que a não utilização destes recursos não responde ao interesse da objetividade, a não ser pela dificuldade de controlar a criatividade que representa a combinação de todas as unidades conceituais que compõem a linguagem radiofônica. (PRADO, 1989, p. 37)

Em geral, as rádios, como nota a pesquisadora Emma Antón, passam por uma crise criativa paga com a perda de audiência infanto-juvenil. Meninos e meninas de oito a treze anos ouvem cada vez menos as rádios espanholas, onde notícias e outros gêneros informativos exclusivamente falados, como entrevistas, comentários e crônicas, predominam na grade de programação.

[...] la radio se ha transformado en el eterno parlante, muchas veces sin sentido, sin preparación, ni rigor, lo que obliga al oyente a escuchar opiniones sin fundamento, palabras, palabras y más palabras. La radio se há convertido en monotonía, en improvisación, pura realidad, en un medio que ya no obliga a sentir. (ANTÓN, 2005, p. 135)

No Brasil, é possível notar o aparecimento de grupos preocupados com a estética radiofônica o que, talvez, denote um relativo esgotamento de fórmulas repetidas ou uma banalização da palavra (GOMEZ, 2007). Na Universidade de São Paulo, um grupo de estudos de música e mídia, o Musimid, reúne-se desde 2001 para estudar “as diversas situações em que a linguagem musical, em suas variadas modalidades e manifestações, no processo comunicativo, interage na formação de textos artísticos e culturais”³.

³ Informações sobre o Musimid estão disponíveis no site: <<http://www.musimid.mus.br/apresentacao.htm>> Último acesso em: 24 de out. 2012.

A estética da radioreportagem

Segundo Emilio Prado, a reportagem é a notícia aprofundada e o elemento mais rico entre os utilizados na rádio informativa, sendo na prática o menos usado por exigir uma elaboração conscienciosa (PRADO, 1989). “Sua riqueza provém da ausência de uma estrutura rígida, o que permite a intervenção da criatividade” (PRADO, 1989, p. 85). A versatilidade é uma das principais características da reportagem, enquanto elemento informativo, no sentido de que a sua inserção pode ocorrer ao longo do fluxo de programação das emissoras.

Para Medina (1978 apud BESPALHOK, 2006), a narrativa começa a delinear-se e a tornar-se indispensável a partir do momento em que um fato noticiado aprofunda-se e assume contornos de reportagem. As reportagens sobre *O subterrâneo do morro do Castelo* de Lima Barreto (1905) mostram como a forma das narrativas pode variar durante o processo de apuração. No caso do rádio, além da informação, características das gravações parecem moldar a reportagem.

Lage (2006) diz que “[...] reportagens supõem um outro nível de planejamento. [...] A pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado [...]; prever que tipo de ilustrações, e quantas, a reportagem terá; precisar o tempo de apuração, os deslocamentos da equipe, o tamanho [...]” (LAGE, 2006, p. 55). A reportagem, por sua profundidade, está na base dos documentários jornalísticos.

A produção da reportagem, inclusive, assemelha-se à de documentários e programas especiais (MCLEISH, 2001), no sentido de que segue as mesmas etapas de planejamento, elaboração de roteiro e seleção de áudio, bem como uma declaração de intenções. Contudo, aspectos como atualidade, maior evidência da presença do repórter, menor primor estético e preocupação com o tempo de sonora diferenciam a reportagem do documentário⁴. O especial, segundo Mcleish (2001), é, por sua vez, o gênero radiofônico que permite a maior mescla de elementos. Em um mesmo programa, é possível inserir entrevistas, dramatizações, poesia, e reportagens, por exemplo, na tentativa de estimular e entreter o ouvinte.

Vale ressaltar a dificuldade em se definir uma fronteira clara entre os diferentes elementos e gêneros radiojornalísticos e a escassez de literatura que reúna e compare todas as classificações existentes (BESPALHOK, 2006). Por isso, para este trabalho, parece bastar o

⁴ Material de aula da prof. de radiojornalismo no UniCEUB, Edla Lula, utilizado em 2011.

conceito de gênero enquanto um híbrido e o de reportagem como elemento informativo, cuja principal característica vem a ser o compromisso com a verdade.

[...] gênero é a força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meio e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. [...] as tendências que preferencialmente se manifestam num gênero não se conservam *ad infinitum*, mas estão em contínua transformação no mesmo instante em que buscam garantir uma certa estabilização. (BAKHTIN apud MACHADO, 2000, p. 68 e 69)

A reportagem, portanto, é a informação que ao aprofundar-se no espaço e no tempo ganha contornos estilísticos de narrativa, o que Medina chama de narração noticiosa (MEDINA apud BESPALHOK, 2006).

Do relato direto, descritivo, numa estrutura hierárquica quase sempre padrão, por causa da concisão da notícia, a elaboração da reportagem precisa de técnica de narrar. Foge-se aí das fórmulas objetivas para formas subjetivas, particulares e artísticas. O redator não tem à disposição recursos prontos, mas passa a criar. (MEDINA, 1978, p. 134 apud BESPALHOK, 2006, p. 131)

É importante ter a noção da temporalidade em vários níveis de vivo, da transmissão simultânea em último grau – direta e ao vivo – à produção diferida que é a realidade predominante no rádio, segundo Meditsch (2001 apud BESPALHOK, 2006), apesar do meio não aparentar. A reportagem simultânea exige habilidades específicas do repórter como “capacidade de observação aliada à capacidade de comunicação, ou seja, de narrar os fatos enquanto eles se desenrolam” (FERRARETO, 2000 apud BESPALHOK, 2006).

Já a reportagem diferida, montada e gravada depois de encerrada a ação, assume condição de vivo no momento da transmissão. Entrevistas são gravadas e sons ambiente captados para produzi-la. “Se houver tempo, todas as entrevistas podem ser transcritas. Somente depois de ouvi-las ou transcrevê-las é que o repórter vai montar o seu texto, entremeá-lo com os trechos das entrevistas, do cenário acústico e até de música, se for o caso” (PRADO, 1989 apud BESPALHOK, 2006).

O cenário acústico do local onde se desenvolveu a ação não deve ser deixado de lado na montagem da reportagem (BESPALHOK, 2006). Segundo Prado, “o som ambiente dá dinamismo e ritmo à reportagem, além de dar credibilidade à informação” (BESPALHOK, 2006, p. 138). Recomenda-se, contudo, o “uso ético” dos sons. Deve-se evitar, por exemplo, o uso de efeitos sonoros apenas para dar mais dramaticidade ao acontecido (BESPALHOK, 2006).

Outro aspecto importante é a musicalidade da linguagem. Bespalhok (2006) diz haver sutis diferenciações de nomenclatura quanto aos componentes da linguagem, mas o importante é saber que a linguagem não é somente palavra, ruído, música ou silêncio, mas a sintaxe dos elementos. Para Balsebre (in MEDITSCH, 2005):

A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelo sistema expressivo da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. (BALSEBRE in MEDITSCH, 2005, p. 329)

A compreensão dos efeitos da sonoridade no ouvinte ao nível da inteligência e da emoção é buscada por pesquisadores como Balsebre (1994) com o objetivo de aperfeiçoar os textos radiofônicos. Cabe lembrar, novamente, que a linguagem radiofônica não se resume à palavra, como evidencia o conceito acima exposto. Ignorar o aspecto não-verbal da linguagem é excluir o caráter expressivo do meio. Balsebre (1994) ressalta que a eficácia da comunicação resulta do equilíbrio entre o semântico e o estético.

O semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem. [...] O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais. E a informação estética da mensagem influi mais sobre nossa sensibilidade do que sobre nosso intelecto. (BALSEBRE in MEDITSCH, 2005, p. 327 e 328)

Como nota Ferrareto (2001, p. 26), “A música, os efeitos sonoros e o silêncio trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa ao consciente”.

A palavra, indispensável à narrativa jornalística, segundo Prado (1989), adquire expressividade na voz do locutor e dos entrevistados. “O rádio é voz, respiração, oxigênio” (SALOMÃO apud BESPALHOK, 2006). Estados de surpresa, pesar, alegria, dúvida, cautela etc podem ser transmitidos através da fala. Por serem tantos, os recursos retóricos e poéticos do discurso oral merecem um estudo a parte.

É importante lembrar que o texto em rádio é para ser ouvido, por isso, precisa ser simples, na ordem direta, com ideias em sequência lógica e linear. A locução, por sua vez, para ter efeito (PRADO, 1989), deve articular quatro variáveis: vocalização (dicação), ritmo

(controle de velocidade), entonação (variações na expressão oral) e atitude (interpretação). Além disso, precisa soar natural.

A música é “a linguagem da emoção” (BALSEBRE in MEDITSCH, 2005, p. 333) e, por isso, casa de forma harmoniosa com a palavra enquanto elemento estético. Entre as funções da música, é possível citar a criação de clima ou atmosfera da ação, a descrição de cenas pelo poder indicial, a condução de narrativas, a separação de informação e o “tempo de repouso” que permite ao ouvinte refletir sobre o que ouviu (KAPLÚN apud BESPALHOK, 2006).

Já os ruídos e efeitos são capazes de criar imagens ou reconstituir paisagens sonoras. Além disso, tais sons podem estruturar o discurso e ajudar a transmitir sensações palato-olfativas, táteis e visuais (sons amargos, ásperos, ofuscantes etc), dando cor e movimento às cenas. Os ruídos e efeitos podem ser captados diretamente do ambiente ou produzidos em estúdio (BESPALHOK, 2006).

Por fim, cabe destacar a *eloquência* do silêncio, recurso que pode ser usado para realçar a “continuidade sonora” (SILVA apud BESPALHOK, 2006, p. 114) e “intensificar a possibilidade do sentir” (ORLANDI apud BESPALHOK, 2006, p. 115), pois “às vezes, para se dizer algo, é preciso não dizer” (ORLANDI apud BESPALHOK, 2006, p. 115). Entre alguns efeitos do silêncio, cita-se a sensação de intimidade ou gravidade.

O silêncio, portanto, é tão importante quanto a palavra, porque a interação do ouvinte com o emissor ocorre durante as pausas verbais (BESPALHOK, 2006). É neste vazio verbal que o ouvinte formula imagens na mente e reflete sobre o que ouviu, travando um diálogo mental com o emissor (SILVA apud BESPALHOK, 2006).

O objeto: a W3 Sul

A W3 Sul aparece nos noticiários como a avenida que, um dia, foi glamourosa e, hoje, está decadente. Quem passa por lá se incomoda com a obra parada do Veículo Leve sobre Trilhos, o VLT. Lojas fechadas, fachadas pichadas, passeios quebrados e altos aluguéis. Uma loja na W3 pode valer 3 milhões de reais e o valor de repasse imobiliário, 200 mil, segundo dados do Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista).

Brasília, apesar do título de Patrimônio Cultural da Humanidade, descaracteriza-se a cada dia. Os técnicos da Unesco, em sua última visita à cidade, relataram “o grave estado de deterioração da avenida W3”, segundo a pesquisadora e arquiteta Vera Brandão. Para o arquiteto e professor da UnB, Frederico Flósculo, o abandono da W3 se deve a outros problemas como o crescimento desordenado, o desrespeito ao Plano Diretor, a especulação imobiliária e a corrupção na gestão urbana.

Via batizada com uma letra e um número, a W3, com cerca de 12 km de extensão, liga as Asas Sul e Norte do Plano Piloto de Brasília (HOLANDA, 2011). A avenida foi projetada por Lúcio Costa como via de abastecimento. O acesso às garagens, armazéns e depósitos que ali ficariam situados se daria pela W2, pois as quadras 700 seriam destinadas a hortas, pomares e floriculturas. Para abrigar os técnicos e suas famílias recém-chegadas do Rio, no entanto, casas foram construídas no local. O acesso às lojas passou a ser feito pela W3 e a W2 virou os fundos do comércio.

Nos primeiros anos da capital, a W3 Sul era o principal ponto de encontro e diversão do brasiliense. Segundo análise dos urbanistas Maria Elisa Costa e Adeildo Lima (1985 apud BRANDÃO, 2011, p. 7), “A ocupação residencial começou no meio da Asa Sul (casas geminadas e primeiras superquadras) e prosseguiu descontínua ao longo do tempo. Na primeira fase, a W3 foi o `centro` da cidade pequena que Brasília ainda era.” Este fato, por si só, explica a época de ouro da avenida.

Hoje, mais de 2 milhões de habitantes e mais de 1 milhão de carros depois, a via parece uma artéria prestes a romper nos horários de trânsito mais intenso. Até o fechamento desta série, 62 das cerca de 400 lojas da região cerraram as portas, algumas se mudando para centros de compras (*shopping centers*) construídos em vários pontos do Distrito Federal, de acordo com o último levantamento feito pelo Sindivarejista.

Em 2002, com o propósito de revitalizar a W3, o governo promoveu um concurso nacional de ideias e estudos preliminares de arquitetura e urbanismo, ocasião em que 22 propostas foram apresentadas a uma comissão julgadora. O primeiro lugar foi recebido pela equipe coordenada pelo professor de arquitetura da UnB, Frederico Flósculo.

Dez anos se passaram e, praticamente, nenhuma ação e/ou obra de revitalização vigorou. As obras do VLT, iniciadas na 516 Sul em 2009, seguem paradas após denúncias de irregularidades na licitação dos contratos. A promessa era de que o bonde moderno, que ligaria o aeroporto JK ao Setor Hoteleiro Norte, estaria circulando até 2014, ano de realização da Copa do Mundo.

Este ano, o governo federal repassou R\$ 2 bilhões para o DF com o objetivo de acelerar obras de mobilidade urbana. Até o momento, as intervenções na W3 resumem-se, contudo, à criação de uma faixa exclusiva para coletivos, táxis e escolares, e à recente obra de recapeamento das pistas.

Série Especial: W3 Sons

Vinheta_1 – Abertura

Rep_1 – W3 Sul: do glamour à derrocada (*O narrador*)

Rep_2 – “Lula passou por aqui, FHC passou por aqui...” (*Deixas musicais*)

Rep_3 – A W3 de outros carnavais (*Diálogos*)

Rep_4 – Retratos falados (*Sinestesia*)

Rep_5 – Revitalização (*Discurso a sete vozes*)

Vinheta_2 – Encerramento

Etapas de elaboração do produto

1. Pauta;
2. Gravação de entrevistas e captação de sons;
3. Coleta e seleção de arquivos de áudio (músicas, ruídos, efeitos);
4. Transcrição das entrevistas;
5. Roteiro;
6. Redação das reportagens;
7. Montagem e edição;
8. Cópia em CD.

Pauta: falar sobre a revitalização da W3 Sul a partir da memória de pioneiros e opinião de especialistas.

Abordagem: retratos do passado e do presente, bem como projeções para o futuro.

Resumo do roteiro: 1. Panorâmica da problemática (Introdução de pintura); 2. Lembranças de Simon Pitel (Glamour da avenida); 3. Lembranças de Jair do Apito (Carnavais na W3 Sul); 4.

Retratos do presente (As calçadas de pedra portuguesa); 5. Visões de futuro (Encerramento com declarações dos entrevistados).

Fontes consultadas

1. Artigos especializados e jornais diários;
2. Arquivo Histórico do Distrito Federal;
3. Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc);
4. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Sedhab);
5. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan);
6. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UnB);
7. Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista).

Entrevistados

1. 27/07 – **Arq. Rejane Vianna**⁵ – assessora técnica na Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Sedhab);
2. 31/07 – **Sr Hely Couto** – comerciante há 51 anos estabelecido na W3 Sul, ex-presidente do Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista) e ex-prefeito da W3 Sul;
3. 04/08 – **Seu Jair do Apito** – um dos fundadores da escola de samba Acadêmicos da Asa Norte, onde é, atualmente, diretor de bateria;
4. 06/08 – **Arq. Vera Brandão** – assessora técnica na Sedhab e autora de um artigo⁶ sobre a revitalização da W3 Sul;
5. 09/08 – **Seu João Carlos** – relojoeiro há 30 anos estabelecido na W3 Sul;
6. 14/08 – **Sr Simon Pitel** – proprietário do restaurante mais antigo da cidade há 48 anos na W3 Sul;
7. 20/08 – **Arq. Frederico Flósculo** – professor na Universidade de Brasília e vencedor do concurso promovido em 2002 pelo GDF para revitalizar a W3;

⁵ A entrevista com a arq. Rejane Vianna foi gentilmente cedida pela aluna de pós-graduação em Revisão de Textos no UniCEUB, Regina Moreira, que realizava um trabalho de retextualização sobre o mesmo tema, a W3 Sul.

⁶ O documento está disponível no site da ONG Docomomo, entidade internacional criada com o fim de documentar e preservar as criações do movimento moderno na arquitetura, urbanismo e manifestações afins.

8. 1988 – **Lúcio Costa** – urbanista.

Dados atuais: 1. 62 lojas vazias de cerca de 400 na W3 Sul; 2. Obra parada do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) desde 2009; 3. Implantação da faixa exclusiva para coletivos, táxis e escolares e recapeamento das pistas este ano.

Outros dados: 1. O movimento na avenida nas décadas de 1960 e 1970; 2. A construção do calçamento de pedra portuguesa em 1972; 3. Possíveis causas para o esvaziamento; 4. Propostas de revitalização; 5. Posição do governo local; 6. Expectativa dos comerciantes; 7. Opinião de especialistas.

Ruídos captados na W3 Sul

1. Motores de veículos (motos, carros, coletivos);
2. Buzinas;
3. Obra em uma loja;
4. Pássaros;
5. Burburinho;
6. Tique-taque e badaladas de relógios;
7. Cigarras;
8. Passos.

Outros ruídos captados

1. Líquido;
2. Tilintar de taças;
3. Talheres e pratos;
4. Fósforo.

Ruídos de arquivo

1. Rolha;
2. Britadeira;
3. Passos;
4. Porta;
5. Mar;
6. Tamborim;
7. Cavaquinho;
8. Cuíca;
9. Pandeiro;
10. Timba.

Músicas

1. Blue Rondo a la Turk – Dave Brubeck;
2. Tango pra Tereza – Ângela Maria;
3. Abandono – Ângela Maria;
4. Eu não sou cachorro não – Waldick Soriano;
5. Água de beber – Tom Jobim;
6. Coral (Sinfonia da Alvorada) – Tom Jobim e Vinícius de Moraes;
7. Água de beber (versão instrumental).

Sons eletrônicos⁷

Material utilizado

1. Gravador;
2. Programas não-lineares de edição de áudio;

⁷ Sons de teclado eletrônico.

3. Teclado eletrônico;
4. Telefone;
5. “Sola de sapato”.

Aspectos analisados

1. Presença do narrador e número de links;
2. Uso da palavra (falada ou cantada);
3. Características das vozes e da fala (timbre, entonação, ritmo, emocionalidade, sotaque e vícios de linguagem);
4. Outros elementos sonoros utilizados (sons ambiente, ruídos, efeitos).

Reportagem 1 – *O narrador*

A primeira reportagem da série abre o tema: a revitalização da W3 Sul. O narrador é usado como elemento estruturador da reportagem. A locução liga as falas dos personagens e especialistas. Dessa forma, a narrativa é resumida em 3 minutos e 46 segundos.

O critério para a seleção das sonoras baseou-se no conteúdo e no tom emocional das falas. As vozes revelam saudades, frustração, reticência, didatismo, indignação, dúvida e súplica. Chama a atenção também o sotaque de seu Simon Pitel.

O jazz que abre e fecha a matéria busca dar ritmo e velocidade ao texto, bem como ajuda a criar a sensação de agitação na cidade. Para reconstituir a paisagem sonora foram captados sons da avenida, como ruídos de motores e buzinas, obra e o tique-taque do antigo relógio no quiosque de seu João Carlos.

Ao fim, as digressões encerram-se com a eloquente badalada do relógio antigo. A estrutura da narrativa é bastante convencional (loc-sonora-loc-sonora-loc-sonora). Os sons ambiente, contudo, conseguiram quebrar a monotonia e dar cor à reportagem. A síntese mostrou ser a maior dificuldade na edição do material apurado.

Sons não-verbais	Efeitos almejados
Música	Ritmo e sensação de velocidade (criação de atmosfera)
Ruído trânsito	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído obra	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído buzinas	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído relógios	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente interno) – Cor e movimento
Música	Ritmo e sensação de velocidade (criação de atmosfera)

Reportagem 2 – *Deixas musicais*

Na segunda reportagem da série, o fio condutor da narrativa são as memórias de Simon Pitel, dono do restaurante mais antigo da cidade. O depoimento do proprietário mostrou-se rico o suficiente para se tornar objeto de uma matéria inteira. A conversa com seu Simon durou, aproximadamente, 15 minutos.

Ao ouvir os dez minutos de entrevista gravada, percebe-se a possibilidade de explorar vários elementos. Havia o sotaque meio afrancesado, os deslizes no português a denunciar a estrangeirice, as manias de linguagem – o `é, ê` ao final das frases –, o tom de voz expressando, ora graça, ora satisfação, as referências musicais e os relatos pessoais.

A entrevista poderia ser usada na íntegra pela qualidade e fluidez do diálogo; por isso, basicamente, foi convertida em narrativa, uma forma de destacar o personagem e introduzir a fala da especialista mais ao pé da matéria. A entrevista foi gravada como se fosse para um documentário, permitindo que o próprio personagem se apresentasse ao ouvinte. O locutor surge como um co-narrador, alguém que ajuda a testemunha a contar a história.

As músicas são usadas como pano de fundo, mas não só isso. Os cantores são personagens nas lembranças de seu Simon e as músicas ambientam não apenas o restaurante, mas o período histórico relatado. A música dá cor às cenas e ajuda a descrevê-las para o ouvinte.

Além disso, foi possível reconstituir o movimento do lugar com o barulho de líquido sendo vertido em duas taças de vidro, o tilintar de um brinde e o som dos talheres nos pratos. Tais sons foram gravados e associados ao ruído de uma rolha estourando pinçado no arquivo. Este recurso não busca falsear a realidade, mas reconstituí-la.

A matéria, do começo ao fim, revelou-se grata surpresa pela musicalidade. A narrativa dura 4 minutos e 24 segundos. As inúmeras formas com que os fatos podem ser contados foi o que mais chamou a atenção na elaboração da reportagem.

Sons não-verbais	Efeitos almejados
Música	Ritmo e sensação de saudosismo (criação de atmosfera)
Música	Cortina e referência de época (criação de atmosfera)
Ruído rolha	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Ruído líquido	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Ruído tilintar de taças	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Ruído pratos e talheres	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Ruído burburinho	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Música	Cortina e referência de época (criação de atmosfera)
Música	Pano de fundo e referência de época (criação de atmosfera)
Ruído portas	Ilustração (evocação de imagem) – Cor e movimento
Música	Referência de época e ao enredo (criação de atmosfera)

Reportagem 3 – Diálogos

A terceira reportagem da série foi um verdadeiro laboratório musical e nela é possível perceber alguns limites da notação radiofônica. A escrita anula alguns sons por sua incapacidade de transcrevê-los. No caso do texto para rádio, faltam o *pp*, o *ff*, o *allegro*, o

andante, as **ligaduras** e outras notações de intensidade, velocidade e ritmo de que o intérprete se vale nas partituras musicais.

A dificuldade de reprodução fica latente no momento da edição das matérias pelos operadores de áudio. A forma sonora imaginada era, com dificuldade, reproduzida por outra pessoa, mesmo de posse de um texto.

Seu Jair falou dos carnavais na W3 Sul em cinco minutos. O preparo para a entrevista foi fundamental nesta matéria. Era interessante extrair do entrevistado trechos de sambas e, como feito no caso de seu Simon, não esquecer de pedir que ele se apresentasse, de modo que o repórter pudesse sair de cena na hora da montagem.

Não há locução. Com a edição da fala de seu Jair, ele sozinho conta a história do começo ao fim, temperada com a marra carioca. O diálogo se fez com os instrumentos musicais, que falam e até, em alguns casos, conversam entre si. Com alguns sons de tamborim, timba, pandeiro, cuíca e cavaquinho, a reportagem ganhou ritmo, cor e harmonia.

A impressão é que seu Jair está acompanhado de um grupo de bambas tocando na feira do Cruzeiro – local, aliás, de encontro de sambistas da cidade. Este recurso não busca falsear a realidade, mas reconstituí-la.

A matéria mostra as vantagens comparativas do meio rádio ao utilizar a palavra cantada. Um fonema pode assumir vários sentidos dependendo da pronúncia, algo que se perde no impresso. Os carnavais na W3 Sul são lembrados por seu Jair do Apito em 2 minutos e 54 segundos. A reportagem assume ares de especial.

Sons não-verbais	Efeitos almejados
Ruído tamborim	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído cavaquinho	Cortina (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído tamborim	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído cavaquinho	Cortina (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído cuíca	Cortina (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído pandeiro	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Música	Cortina e referência musical (samba)
Ruído pandeiro	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído cuíca	Cortina (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído timba	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído cavaquinho	Cortina (criação de atmosfera) – Cor e movimento
Ruído pandeiro	Ritmo e pano de fundo (criação de atmosfera) – Cor

	e movimento
Ruído cuíca	Ritmo (criação de atmosfera) – Cor e movimento – e tempo de repouso (função reflexiva)

Reportagem 4 – *Sinestesia*

A quarta reportagem da série descreve as calçadas de pedra portuguesa na W3 Sul a partir da observação do narrador no local. Uma “flash fiction” sonorizada de 1 minuto e 58 segundos.

A matéria explora alguns sons que evocam imagens e sensações táteis e olfativas. Os ruídos ajudam a reconstituir o cenário das ações.

A locução mostrou ser o maior desafio nesta narrativa que exigia mais interpretação e atenção ao uso da voz.

A intenção era utilizar os sons da própria avenida para ambientar o que fosse possível nesta reportagem literária onde cenas cotidianas são flagradas e retratadas pelo repórter.

Sons não-verbais	Efeitos almejados
Ruído trânsito	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído passos	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído fósforo	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Ruído mar	Ilustração (evocação de imagem) – Cor e movimento
Ruído passos	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído cigarras	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Sons da avenida (pássaros, carros, cigarras e pessoas na parada de ônibus)	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento

Reportagem 5 – *Discurso a sete vozes*

A última reportagem da série trata do tema da revitalização como um convite para o futuro. A fala do especialista ganha maior relevo. A ideia era fazer um medley de vozes dos entrevistados que aparecem nas reportagens anteriores.

A locução, levemente distorcida, pontua as falas dos diferentes entrevistados. Utiliza-se música, som de pássaros, o ruído da britadeira e um trecho da entrevista com Lúcio Costa, que, por sua qualidade acústica, hesitei em usar.

As músicas são de Tom Jobim e Vinícius de Moraes (a épica Sinfonia da Alvorada, composta para a inauguração de Brasília, e a lírica Água de Beber, reza a lenda, inspirada na visão de uma nascente d'água nas proximidades do Catetinho). A última matéria alonga-se em 4 minutos e 16 segundos.

Sons não-verbais	Efeitos almejados
Música	Referência musical (bossa-nova)
Ruído britadeira	Dramatização (reconstituição de ação) – Cor e movimento
Música	Pano de fundo e alusão à construção de Brasília (referência de época)
Ruído buzina	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Ruído pássaros	Reconstituição da paisagem sonora da avenida (ambiente externo) – Cor e movimento
Música	Cortina e sensação de alívio (criação de atmosfera)
Música	Referência musical (bossa-nova) e tempo de repouso (função reflexiva)

Considerações finais

É possível perceber que a reportagem, enquanto um dos mais versáteis elementos da rádio informativa, pode assumir formas variadas de acordo com fatores como nível de profundidade da informação e nível de vivo. Quando a informação deixa o campo sucinto da notícia e adentra o campo amplo da narrativa, da narração noticiosa, os fatos passam a ser interpretados de maneira mais subjetiva e isto reflete na elaboração dos textos.

Na reportagem, e no radiojornalismo de modo geral, convencionou-se, pelo tipo de discurso baseado em valores como objetividade e veracidade, o uso ético dos sons. Por isso, os sons não-verbais são menos usados pelos profissionais da notícia, sendo reservados para os chamados especiais, produtos mais elaborados e veiculados com menor periodicidade.

Cabe destacar também a função referencial do jornalismo. Nos especiais, recomenda-se, assim, o uso de sons ambiente, mas não o de efeitos que possam falsear a realidade. A música também procura ser usada com moderação. Inexistem, contudo, fórmulas universais para as narrativas radiojornalísticas. A sonoplastia de uma reportagem política e de outra com teor cultural podem ser diferentes.

Exemplos interessantes de sonorização foram encontrados nos sites de algumas rádios brasileiras, como a Nacional, a Cultura, a Rádio Câmara e a CBN. Em um especial da Rádio Câmara sobre controle do orçamento público, por exemplo, o radiodrama foi usado para informar. Na Rádio CBN, sons ambiente, música e outros efeitos são utilizados de maneira econômica, mas criativa em séries especiais. A experiência do Conte sua história de São Paulo em que narrativas de ouvintes são lidas e sonorizadas também merece atenção. O radiojornalismo literário pode ser, talvez, uma janela para o uso mais elaborado dos sons. Com equilíbrio e bom senso, os sons não-verbais podem não só ajudar a atrair o ouvinte, mas também tornar a informação mais clara e efetiva.

As críticas à subutilização da linguagem pelas rádios atuais derivam, segundo os autores consultados, do uso predominante dos elementos falados para compor as programações (apresentadores, entrevistados, comentaristas, cronistas, repórteres), o que, sem o uso de outros sons, banaliza a palavra. Alguns profissionais e pesquisadores defendem a sonorização e o uso de gêneros como o radiodrama em prol de uma rádio mais criativa e plasticamente atraente. Neste trabalho, a ideia era buscar esta plasticidade na reportagem.

Depois de uma pesquisa teórico-conceitual e da elaboração do produto, percebe-se a relevância de se pensar o fazer jornalístico pelo viés teórico. A teoria pode ampliar a visão do jornalista sobre o suporte e a linguagem e, neste caso, sensibilizá-lo para o uso adequado dos sons na hora de reportar os fatos.

Os sons ambiente podem ajudar a contextualizar a informação. Além disso, a reportagem, como um elemento não exclusivo de jornais diários, pode utilizar todos os elementos e recursos sonoros da linguagem se for composta para documentários e programas especiais sobre os mais diversos assuntos. O programa norte-americano *Radiolab* de Jad Abumrad e Robert Krulwich parece ser uma experiência sonora e radiojornalística bem-sucedida neste sentido.

Neste trabalho, uma observação interessante é que cada reportagem faz mais ou menos uso do narrador como elemento estruturador do texto de acordo com o número de falantes. Na reportagem 1, por exemplo, onde era preciso ligar sonoras de seis entrevistados e acrescentar informações, fez-se maior uso da locução. Na 2, o narrador conta a história junto com o personagem, no entanto, o que define a presença do locutor é a necessidade de se fazer o link, em determinado momento da matéria, entre história narrada pela testemunha e a fala da especialista. Na 3, o próprio personagem narra a história do início ao fim, sem links. Na 4, o narrador é a testemunha e só ele conta a história. Na 5, o locutor apresenta cada entrevistado apenas para que o ouvinte saiba quem está falando. Versões por versões, as sonoras podem falar por si, em grande medida, e deixar, talvez, que o ouvinte faça suas interpretações.

Outro aspecto observado é uma dificuldade em traduzir as composições em textos. O sistema de notação para o meio poderia se aproximar do musical: um pentagrama com indicações de ritmo, altura, velocidade, intensidade e distorções de diversos tipos de sons, por exemplo. É possível imaginar locução, sonoras, ruídos, efeitos, pausas e músicas em uma partitura musical. Fusões, *crescendos* e *decrescendos*, sobreposição e alternância de falas, velocidade e altura da voz, pausas curtas e longas etc poderiam ser aspectos representáveis no texto radiofônico, passíveis de reprodução por qualquer pessoa que viessem a lê-los. Sem este tipo de sofisticação da escrita, sente-se certa dificuldade na hora de traduzir nuances sonoras para o papel.

A dificuldade em romper a hegemonia da palavra também foi observada. Esquecemos que ruídos, efeitos, silêncio e música também *falam*. Urros, gritos e quebra de vidros podem contradizer o repórter que está em um local dizendo que ali o clima é de tranquilidade, por exemplo.

Desfeitos possíveis dogmas textuais, é possível começar a pensar em alternativas estéticas para a radioreportagem. A narrativa começa a dar sinais de vida nos primeiros dias de apuração e gravação, quando um mundo sonoro bastante expressivo e de formas eloquentes é vislumbrado. Neste trabalho, esta liberdade criativa é permitida para que seja possível testar possibilidades, sem receio de erros e pretensão de acertos.

Finalmente, observa-se o potencial da linguagem radiofônica como um todo. O rádio parece à espera de experiências sonoras radicais. Explosões de fonemas, repetições de palavras, movimentos de sonoridades, palavras que se dissolvem em ruído puro, turbulências verbais, sons estruturadores das narrativas incorporados às histórias, polifonias, onomatopeias, ecos e reverberações, dramatizações, pausas e silêncios profundos, alternâncias verbais, enfim; desconstruções, implosões e reconstruções, fusões e uma série de expressões sonoras que podem superar a ideia da palavra pela palavra. Os sons podem se transfigurar em poesia total e a reportagem em peça sonora passível de múltiplas variações.

Os ouvintes, supõe-se, querem ser *tocados*. “As emoções são tão importantes quanto o intelecto” (SILVERSTONE, 2005, p. 62). Mas não pelo sensacionalismo que resvala na degenerescência da linguagem. Segundo Balsebre (1994), *teríamos de fazer um pequeno esforço de memória envolvendo os programas de rádio que habitualmente escutamos e lembrar quando foi a última vez que algo realmente nos fascinou, uma voz nos comoveu ou uma entrevista nos causou verdadeira emoção estética*⁸. Para o autor, a rádio informativa tem o mesmo potencial estético de uma obra de arte.

Conclui-se que as reportagens ganham, realmente, mais cor e vibração com a inserção de outros sons que não somente a fala. A informação adquire contexto, emoção, textura, cheiro, sabor e cor. Se os sons forem usados com equilíbrio, não há o comprometimento da clareza e da objetividade informativa.

No caso da W3 Sul, sons ambiente ajudaram a reconstituir o universo sonoro da avenida. O uso de outros recursos (ruídos, efeitos e músicas) também parece ser capaz de ampliar a compreensão da mensagem pelo ouvinte e promover o seu envolvimento com a notícia. A riqueza sonora, portanto, ao estimular o imaginário do ouvinte pode aumentar as chances da informação ser recebida, compreendida e recordada.

⁸ Tradução de minha livre autoria.

Referências

ANTÓN, Emma. *Recuperar la creatividad radiofónica: razones para apostar por la radio de ficción*. Anàlisi, Universidad Pontificia de Salamanca, n. 32, p. 133-146, 2005.
Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/analisi/article/viewFile/15176/179896>>
Acesso em: 5 set. 2012.

Arquivo Histórico do Distrito Federal.

BALSEBRE, Armand. *El lenguaje radiofónico*. 1994.
Disponível em: <<http://perio.unlp.edu.ar/produccionradiofonica1/Bibliografia/balsebre.pdf>>
Acesso em: 1 out. 2012

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BESPALHOK, Flávia. *A prática da reportagem radiofônica na emissora continental do Rio de Janeiro*. 2006.
Disponível em:
<http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/fla_bespalhok.pdf>
Acesso em: 24 de out. 2012

BRANDÃO, Vera Bonna. *W3 Sul, ontem, hoje e amanhã: os dilemas de uma avenida modernista*. 2011.
Disponível em:
<<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/189.pdf>>
Acesso em: 23 jul. 2012.

CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. *A radioreportagem: o universo sonoro da cidade de São Paulo*. 2010.
Disponível em: <http://www.usp.br/alterjor/Relatorio_Nara_universosonoro.pdf> Acesso em: 10 jul. 2012.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRAZ, Nivaldo. *Princípios da peça radiofônica reportagem*. 2012.
Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0799-1.pdf>>

Acesso em: 26 set. 2012.

GOMEZ, Ângela Maria. *O Rádio e a publicidade: modelos de negócio do Rádio no Brasil*. 2007.

Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/51108058/9/Os-generos-radiofonicos>>

Acesso em: 19 out. 2012.

HOLANDA, Frederico de (Org.). *Arquitetura e Urbanidade. Passado, presente e futuro de uma avenida moderna: W-3, Brasília*. Brasília: FRBH, 2011. p. 57-93.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

MARTINEZ, Monica. *O jornalismo literário e a mídia sonora: estudo sobre o programa Conte sua história de São Paulo, da Rádio CBN*. 2012.

Disponível em:

<http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2012/08/20/1345493846.pdf>

Acesso em: 16 de out. 2012

MEDITSCH, Eduardo. *O elogio do invisível pelo mestre da imagem: Rudolf Arnheim e o poder estético do rádio*. 2004.

Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-elogio-do-invisivel.pdf>>

Acesso em: 26 de set. 2012.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação*. Coimbra: Minerva, 1999.

_____. *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular, 2005.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010

PRADO, Emilio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2005.

TAVARES, Mariza (Org.). *Manual de redação CBN*. São Paulo: Globo, 2011.

VICENTE, Eduardo. *Em busca do rádio de autor: apontamentos para uma rediscussão crítica da história do rádio no país*. 2011.

Disponível em:

<http://www3.usp.br/significacao/pdf/4_Significacao%2036_Eduardo%20Vicente.pdf>

Acesso em: 26 de set. 2012.

Anexos

ENTREVISTAS

27/07/2012

Arq. Rejane Jung Vianna (Sedhab) – 5`

E- O projeto de revitalização será implantado?

R- A intenção do nosso secretário é de implantar pelo menos um piloto em alguma quadra desse projeto. A gente já tem na parte da W2 todo o levantamento topográfico. Não é um projeto complexo. E com relação à parte da W3, a gente não sabe ainda o que vai acontecer com o VLT, se vai ser feito, se não vai ser feito. O VLT é usado em várias cidades do mundo como um dos elementos para favorecer o processo de revitalização em áreas urbanas. (...) O que a gente sabe é que da estação da Asa Sul até a rodoviária, ele vai ser implantado. Segundo tudo indica, segundo o que ouço falar. (...) Do aeroporto até o terminal da Asa Sul. Do terminal da Asa Sul para a Asa Norte, a gente não sabe ainda o que vai acontecer. Isso é uma decisão de governo que eu não sei se foi tomada.

E- O VLT vai ser feito?

R- A qualificação de fachadas, organização de letreiros e o tratamento dos passeios públicos e daquela parte de estacionamento, na parte de trás, independe disso.

E- Um dia vai fazer, né.

R- Se vai fazer ou não fazer, eu não sei. Teria que conversar com o secretário, porque eu não sei. Realmente, eu não estou a par. (...) Na qualificação de fachadas, teria uma parte de isenção de IPTU. (...) Onde hoje tem os pontos de ônibus e os estacionamentos, ali é um lote. A gente está afetando uma área da via e criando um novo lote e ali a gente propõe que seja feito três níveis de subsolo para estacionamento de veículos e, em cima, algum equipamento público de apoio com tratamento de praça, para locação de bicicleta, venda de bilhete de transporte coletivo, pequenos quiosques com café, banca de revistas.

E- Existe previsão orçamentária para as obras de revitalização?

R- Pois é, não sei.

E- Já começaram as obras de recapeamento da W3.

R- Não vi, não. Ah, é? Independentemente do VLT, tem que recapear. Planejamento sem transporte não existe. É piada. Meio frustrante. A faixa de coletivos, táxis e escolares é um paliativo. (...)

E- Obrigada. Espero que saia alguma coisa, né.

R- Tomara que dê certo, porque a gente cansa de fazer as coisas e não sai do papel.

31/07/12

Hely Walter Couto – 20`

E- Queria que o senhor se identificasse e contasse um pouco da sua história aqui na W3. Como era, como está hoje, como o Senhor a imagina no futuro.

H- Eu estou em Brasília há 53 anos. Estabeleci no Núcleo Bandeirante. Fiquei lá 2 anos e depois estabeleci aqui na avenida W3 que estava começando, inclusive, essas casas populares estavam sendo construídas. A W3 foi progredindo e tornou-se o ponto de encontro da sociedade brasiliense, principalmente, tendo as melhores lojas, como o magazin Bibabô, tinha o Slaviero, com a grande loja e o Ponto Frio que fechou agora recentemente. Portanto, a W3 é um ponto de referência em Brasília. A razão é muito simples: é a única avenida que existe em Brasília. Portanto, o governo tem que olhar pra essa avenida, que está completamente abandonada, toda pichada. E também está precisando de uma reforma para poder reabrir as lojas que estão fechadas. Hoje temos mais de 30 lojas fechadas, pouco movimento, não tem estacionamento. Não é só a W3, não. Hoje, com o fluxo de carros que

está em Brasília, o governo tem que lutar bastante para arranjar estacionamento. O governo cobra seus impostos, vende os carros, agora tem que arranjar estacionamento. Se o Detran precisar ir multar, fica o dia todo multando o pessoal estacionando em lugares que não têm condições. (...) Eu conversei com o Filipelli e sugeri para ele olhar pra W3. Na W3 tinha 3 praças completamente abandonadas. Sugeri para poder melhorar o aspecto da W3, criar ali uma fonte luminosa, com essa fonte luminosa, criaria também um restaurante, com quiosques e uma praça de esportes. Ela poderia funcionar até às 11 horas da noite e, com isso, senhoras, senhores, a juventude, crianças, turistas teriam um lugar à noite para visitar, tomar seu chopinho e etc, etc. Nós temos aqui 400 lojas, eu tenho 5 lojas aqui, tenho mais 3 lá embaixo. Se cada loja desse 5 mil reais, iria arrecadar mais ou menos 2 milhões de reais para ajudar o governo a revitalizar a W3. (...) O Filipelli me disse que faria outro concurso por esses meses para fazer o VLT passando aqui na W3. Esse VLT é uma espécie de um vagão que é dos mais modernos que existe no mundo. Cabe muita gente, tem um percurso formidável com muito conforto. Não conheço bem o projeto, mas eu tenho certeza: qualquer coisa que venha a ser feita na W3 iria beneficiar muito aqueles pioneiros que estão aqui desde o início que ajudaram a construir Brasília e participou pagando seus impostos. É o meu caso. Estou aqui na W3 há 51 anos. Ora, é uma história, é uma caminhada. Estou ainda trabalhando, estou com as minhas lojas aqui, uma loja muito boa, muito frequentada. E eu tenho a esperança de que a W3 vai voltar ao que era antes, onde tinha, além das melhores lojas, o carnaval, os grandes desfiles da mocidade. Eu tenho esperança, a W3, tenho certeza absoluta, será uma avenida de caráter nacional. A Copa do Mundo está chegando, vai ser agora em 2014, e eu tenho certeza, se eles melhorarem a W3, vai ser o ponto de encontro e a referência para nossa querida Brasília. (...)

E- Estou dando uma olhada nos projetos do concurso de 2002.

H- Eu participei desse concurso, como prefeito. Estou respondendo ainda, um pouco desanimado. (...) O arquiteto sabe o que é melhor para uma avenida, o que pode ser colocado, as lojas, melhorar as fachadas, as calçadas, o estacionamento.

E- Pode falar mais um pouco da W3 no início?

H- A W3 era o ponto de referência, onde tinha as melhores festas e lojas. Ponto Frio fechou agora. Tinha a Slaviero, a Bibabô, tinha diversas lojas com grande gabarito. Hoje, não tem mais nada. Com a criação dos shoppings, lógico que todos foram para os shoppings. Mas ninguém resiste, não aguenta pagar o valor que eles pedem em shopping, porque fica caro e o comerciante quer atender a sua freguesia com o melhor preço. Eu procuro dar condições a minha clientela com preço bom, porque não tem aluguel, é próprio da própria Pioneira. A W3 era tudo. Era o carnaval, era o desfile, era o ponto de encontro da juventude, era tudo, tinha os grandes bares e ali a frequência era grande. Mas mudou. Criou a Asa Norte, também foi um pouco pra lá. Tá um pouco parada, tem que modificar. Acho que esse governo vai consagrar o seu governo se ele olhar para a avenida W3, revitalizá-la, que dará projeção à administração de Agnelo e Filipelli. Eles têm que olhar, eles têm que fazer a W3 e zelar. Começaram. Estamos com esperança, todos nós.

E- Começaram o recapeamento...

H- Não é o principal. Tem de dar uma nova visão nas calçadas, acabar com essas pichações, colocar as HP5s em um nível só. Ali pode se transformar até em comércio, residência em cima, comércio embaixo. Eu sei que governar não é fácil, tem milhares de pedidos, diversas críticas, mas acho que tem que olhar para Brasília e principalmente para o centro de Brasília. A capital precisa ter uma aparência bem adequada para os turistas e para a nossa população. Aqui é patrimônio da humanidade.

E- Quais os principais problemas na W3?

H- Não tem estacionamento, as lojas estão todas pichadas, as praças estão completamente abandonadas, os HP5s, uns levantando mais um andar, outros não, é milhares de problemas que existem. E, principalmente, as lojas fechadas que precisa reabrir para gerar empregos e impostos para o próprio governo.

E- Quem fica na W3, como mantém as lojas abertas?

H- A W3 tem umas lojas privilegiadas, de qualquer maneira. O que tem hoje mais aqui é banco e caixa econômica. As pessoas automaticamente tem que vir à W3. Eu mantenho aquele padrão. Eu tenho uma loja diversificada. Essa aqui é um shopping, tem tudo. Tem desde o colchão, o brinquedo, a prataria, o cristal, tem todo o plástico, uma infinidade de coisas, o freguês chega aqui e não sai sem ser atendido. Tem muita coisa. E a loja é mais especializada em borracha, em plástico, passadeira e etc. A W3 tem diversas lojas, restaurantes. Tem o Roma com mais de 50 anos na W3. Lá em cima o Slaviero. Passei lá hoje, tá com a faixa da Caixa Econômica. Pode ser que ele tenha alugado. E assim tem outras lojas pra frente. É sensacional.

E- Tem espaço para comércio de rua, as pessoas gostam...

H- A pioneira era assim, ó, como está vendo aqui, barraco de madeira. E aqui continuo, gerando imposto e tudo. Tenho esperança que esse governo vai olhar para a nossa tão abandonada e sofrida W3.

04/08/12

Jair do Apito – 5`

E- Queria que o senhor se apresentasse e falasse sobre os desfiles naquela época.

J- Eu sou Jair do Apito, apitador de Brasília, fundador do carnaval de Brasília, fundador do Acadêmicos da Asa Norte. E desde 61 que eu desfilo nessa cidade. A W3 foi a avenida principal da nossa cidade naquela época, onde era o comércio, tudo direitinho ali, onde se encontravam as pessoas de antigamente, lá naqueles barzinhos que tinha, né. O carnaval teve uma época, 4 a 5 anos, ele foi feito na W3. E, por sinal, era uma afluência muito grande ali na W3. Porque, na década de 60, nós não tínhamos divertimento em Brasília. Então, o desfile de carnaval atraía muita gente. Não muito das cidades-satélites que ainda não tinha a população que têm. Mas geralmente Plano Piloto, Asa Norte, Bandeirante, Candangolândia, a afluência era muito grande. E tivemos grandes carnavais ali, com Asa Norte, com Aruc, com blocos famosos, como Acadêmicos da Asa Norte, Bloco do Barril, Independentes de Brasília. Enfim, foi uma época muito boa. Depois, infelizmente, com o tempo passando, os moradores não aguentaram, a estrutura também já não comportava, porque as escolas de samba, as agremiações foram crescendo, né, foram se tornando muito maiores, carros-alegóricos, essas coisas, e tivemos que tentar outros lugares, como Eixão, Rodoviária, como agora é lá no Ceilambódromo e etc, etc.

E- Tem alguma música gravada?

J- As escolas de samba naquela época não gravava, na década de 60. Isso veio muito depois, passar a ter as agremiações carnavalescas de Brasília suas composições gravadas.

E- Lembra de cabeça algum samba-enredo, algum trechinho?

J- Bom, vou ver se consigo lembrar, essa década de 60 já não é muito fácil.

E- Tem alguma que fale sobre Brasília?

J- Uma das músicas que é mais conhecida em Brasília é essa aqui. Os `zopitantes`, que às vezes as pessoas perguntam `o que que é o `zopitante`? Os `zopitantes` foram os primeiros PMs, o grupo de policiais militares que vieram do Rio, porque não tinha policiamento próprio em Brasília. Então eles fizeram assim: `Adeus, adeus, adeus, estado da Guanabara, eu vou ficar em Brasília que é a capital joia rara. Tudo aqui tem esplendor, tudo aqui inspira amor. Quem quiser pode voltar, mas em Brasília eu vou ficar. Aos domingos, vou ao Paranoá, se tiver tempo, saio para passear. Na cachoeira do Gama, existe um bom lugar pra se amar, por isso eu digo a vocês, que em Brasília eu vou ficar`. Gente, desculpa, não sou cantor, sou apenas diretor de bateria, muito obrigado pela oportunidade. Estamos aqui à ordem. Jair do Apito, bar Gandaia, aqui no Cruzeiro. Todos são bem `chegado`. Muito obrigado.

06/08/2012

Arq. Vera Bonna Brandão – 20`

E- Como era a W3 no início?

V- A W3 era o centro da cidade. Como o centro urbano não tinha sido construído, Setor Comercial não tinha, não tinha nada disso. A cidade começou a ser implantada no meio da Asa Sul, tanto as superquadras quanto as 700. As quadras 5, 6, 7 e 8 foram as primeiras que foram implantadas. Tanto as superquadras que tem a unidade de vizinhança, que é a 7 e 8, como as 700, o meio da Asa Sul. Então a W3 passou a ser o centro da cidade. As lojas comerciais ficavam lá. Então é o local de passeio, de encontro. O passeio de domingo era ir à missa na Dom Bosco e depois comer pizza ali na W3, na pizzaria que tinha ali. Tanto que quando eu vim, eu era adolescente, tinha um ano ainda de inaugurada, a minha tia me levou pra passear na W3, que era a rua onde estava todo mundo, onde tinham as lojas, não me lembro se tinha cinema, já tinha o Cine Brasília... Quando os comércios locais começaram a se desenvolver – e teve outra coisa que não estava prevista no projeto original que era mais uma estrutura linear: eixo, W3, eixinhos, tudo no sentido norte-sul – quando eles criaram o Setor de Grandes Áreas, as 600 e 900, eles criaram esse fluxo no outro sentido, leste-oeste. Os carros passam pelos comércios locais que deixaram de ser locais e passaram a ser regionais. Porque a ideia original era ter uma frutaria, uma padaria para atender aquelas duas superquadras. E com esse fluxo maior, que o carro trouxe esse movimento, começaram a desenvolver a rua das noivas, a rua das elétricas, uma coisa que atende, você quer

comprar uma coisa que não acha aqui, uma lâmpada, você vai logo lá na Asa Sul. E aí, começou a ampliar, e a W3 perdeu um pouco essa clientela. Depois vieram os shoppings. Então, começou a entrar em decadência. Os próprios comerciantes têm interesse nisso, em revitalizar, porque muitos já fecharam e abriram filiais em outros lugares e eles querem trazer isso. Até aquele Mercado Municipal na 509, pensando na revitalização, ele já abriu ali, mas acabou que a coisa não aconteceu, né. Sempre quando vem esse pessoal da UNESCO, eles colocam essa coisa da péssima condição da via, questão estética mesmo. `A missão observou o grave estado de deterioração da W3`, essa foi de maio de 2012 quando vieram dois arquitetos. Eles sempre tocam nesse ponto. Eu soube que esse concurso que houve em 2002 não aconteceu. Acabou que ficou tudo como estava. Sei que ficou mais ou menos definido que nas 700 ficou uso apenas residencial.

E- Quando se fala em tombamento, isso não significa que nada possa ser mudado, certo?

V- O que está tombado são as escalas, não é a edificação. Porque aqui em Brasília é diferente de Ouro Preto, dessas outras cidades coloniais que estão tombadas, onde o que está tombado é a edificação. Aqui você pode derrubar todo o prédio, por exemplo, na superquadra, derruba e faz outro de seis pavimentos. É a volumetria que está tombada. O gabarito, os espaços livres, esse tipo de coisa. A própria Maria Elisa Costa fala que não teria nada contra o uso misto nas casas voltadas para a W3. Mas onde passa o carro é muito difícil não ter uso misto. Tanto a avenida W3 não era para ter comércio voltado para a W3. Aqueles comércios eram voltados para as 300, projeto original. Ali era pra ter fundos, depósitos, mais para suprir os comércios locais, comércio atacadista, os fundos voltados para a W3. A W3 ia ser só uma via de serviço. Os próprios comerciantes não quiseram. Eles querem voltado pra via, onde tem movimento. Então, eles fizeram voltado pra via. Já mudou. Como aconteceu com o comércio local. O comércio local era para ser voltado para as superquadras. A via era pra ser os fundos. Mas ali todo mundo voltou. Por quê? Você quer que o carro passe e veja que loja é aquela. Na W3, aquelas casas das 700 estão viradas, os carros estão passando, então já botam uma lojinha, um salão de beleza.

E- Quais são os principais problemas na W3 hoje?

V- Eu não tenho muita expectativa de que vai melhorar não. De repente, é só uma maquiagem, fazer um novo mobiliário urbano. De repente, pode ver se diversifica. Eu sei que um dos projetos, esse do Flósculo propunha um uso mais cultural, galerias de arte, cafés. Agora, sinceramente, uma rua que não tem comércio do outro lado, meio difícil. A gente vê pela W3 Norte, o exemplo. Pode ser feia, horrorosa, mas ela está cheia de gente. De um lado e do outro. Precisa talvez padronizar, melhorar, esteticamente está muito feia. Botar mais estacionamento, subterrâneo, pra quê, ninguém para lá. Botar o VLT, tem 180 linhas de ônibus, não é falta de carro e ônibus passando. Falta o quê? Falta mais vida dos dois lados. Agora se é proibido, teria que ter vários usos, concessionárias, restaurantes, lojas. Tem que requalificar o espaço para atrair o comerciante, porque como está ninguém quer colocar uma loja boa ali, vai tentar outro comércio local, se tiver dinheiro num shopping, do que lá, porque tá feio, tá pichado, ninguém passa, calçadas quebradas. Talvez, melhorando o visual, mobiliário urbano, as calçadas, isso atrai o comerciante. Não sei se volta a ser o que era. Todas as cidades têm shopping, mas tem comércio de rua. Rio, São Paulo. Você vai à rua Augusta, tá cheio de gente. Ter vida dos dois lados e requalificar no sentido de calçadas boas, mobiliário urbano. O que o governo pode fazer é a requalificação pra ver se volta a atrair o comerciante e a clientela. Porque calçada quebrada ninguém quer. De repente, dando uma melhorada no visual, pode ser que se revitalize aquele lugar.

09/08/2012

João Carlos – 5`

E- Quería que o senhor se identificasse e contasse um pouco da sua história aqui na W3. Como era, como está hoje, como o Senhor a imagina no futuro.

J- Meu nome é João Carlos. Sou relojoeiro há 30 anos nessa W3. Nossa avenida aqui era uma avenida bem movimentada. Nós `tinha` um comércio bom, o estacionamento era favorável. Nós `tinha` banheiro público, em cada quadra tinha dois banheiros públicos, um masculino e feminino. Foi fechado para uma manutenção na última gestão do Roriz e nunca mais reativaram esses banheiros. Para nós que trabalhamos aqui é meio difícil. Tem que usar os banheiros de um restaurante e não é muito apropriado. E o que precisamos aqui hoje na W3? É uma manutenção, estacionamento. Precisamos que o governo dê mais atenção ao comércio em termos de investimentos. Fica tudo abandonado, quer dizer, as lojas fecham, ficam jogadas, nossos clientes vão fugindo, porque chegam e não tem mais comércio. Um quadra melhores, outras não. A W3, toda ela, de ponta a ponta, você vai encontrar algumas quadras melhores com o comércio mais agitado. Aqui na 514, por exemplo, era uma maravilha. Tinha um grande comércio de autopeças e tudo mais. Tinha um bom movimento. Ultimamente, os `comércio` vão fugindo para os shoppings, para os centros comerciais oferecidos, os projetos do governo. Muito bom também, né, mas nossa W3 não pode ficar esquecida. Porque aqui é um ponto que nós trabalhamos há 30

anos, no meu caso, e gostaria que ela fosse revitalizada, de uma maneira que favorecesse o nosso trabalho, reabrisse os banheiros públicos, melhorasse o estacionamento e dá mais incentivo ao comércio local. É uma beleza aqui pra se trabalhar, eu gosto daqui. E são muito `útil`. Isso tudo é pertinho das residências, temos as 300, as 700. No meu caso, por exemplo, que trabalho com prestação de serviço, com consertos. Dou assistência a essas pessoas. É perto, você não precisa ir lá no shopping. Não precisa deslocar para ir longe. É uma avenida, toda ela, oferece esses serviços e é útil pra população. O governo deveria olhar com os olhos mais `carinhoso`, vamos dizer assim, pra nós aqui. E não só investir em shopping. Nós precisamos dessa atenção, uma atenção especial.

E- O Senhor acha que o VLT pode ajudar a revitalizar a avenida?

J- Aqui na W3, eu não sei se é muito útil não. Se fizer um bom sistema, com manutenção boa, talvez funcione. Se botar e esquecer igual os outros... Creio que pra nós não vai trazer movimento. Pode tirar o movimento. É a minha opinião, talvez sim, né. Hoje eu uso o metrô, eu moro em Ceilândia. Muitas pessoas se locomovem de carro. Se botar o VLT e não botar uma integração boa, o quê que vai adiantar, vai ficar preso, a mesma coisa, o trânsito. Não sei, por esse lado aí. Mas eu acho que o governo, já que tem o projeto, e o projeto é bom, é ousado, me parece, vamos torcer que ele coloque e seja bom pra nós, seja útil, né, como deve ser, que é muito prático.

14/08/2012

Simon Pitel – 10`

E- Quería que o Senhor se apresentasse. Nome, tempo que está aqui...

S- Meu nome é Simon Pitel, casado, dois filhos. Nasci na Bélgica, em Bruxelas, em 1936. Cheguei em Brasília em 1958, no Rio de Janeiro. Em Brasília, em março de 1958. Só fiquei no Rio de Janeiro um mês, só. Comecei minha vida como mascate vendendo relógio na rua. Depois de um certo tempo me estabeleci com uma loja de roupa no Núcleo Bandeirante. Hoje chamada Núcleo Bandeirante, naquela época Cidade Livre. Em 1960, eu mudei para o Plano Piloto. Fiz fornecimento de roupa militar para o governo. Em 1964, `teve` a oportunidade de comprar o restaurante Roma. E no dia 31 de abril, dia da revolução, eu comprei o restaurante Roma.

E- De lá pra cá, o Senhor acha que mudou muito?

S- Ah, muito. Não só Brasília. O mundo mudou muito. Em 64, se `ventilava` em shopping. Só existia nos Estados Unidos. Hoje, não. Hoje, em qualquer cidadezinha acima de 200 mil habitantes, `ventila` um shopping center. O shopping center atrai muita gente. Ele atrai pela concentração, pela segurança. Por muitos motivos, apesar de ele ser um comércio mais caro do que o comércio da rua, ele atrai muita gente, ele tem muitos atrativos. Isso enfraqueceu o comércio de rua. O outro problema, como em todas as cidades, se você analisar São Paulo, Rio de Janeiro, as grandes cidades do Brasil, o centro se desloca. O centro de Brasília se deslocou um pouco. Eu acho que nem tanto, porque não há centro. Diz a história que é uma cidade sem esquina, mas ele se deslocou sim. E a W3 que naquela época era o centro de Brasília hoje se tornou um lugar meio esquecido. Mas eu acredito que a W3 vai ressurgir, porque é o único reduto de lojas de tamanho grande que Brasília possui. No Plano Piloto você não consegue ter uma loja de 200 metros quadrados a não ser na W3. A não ser que você `aluga` 3, 4 lojinhas nas entrequadradas que têm cada uma 35 metros quadrados, 3 e meio por 10. Aqui não, nós temos lotes de 200 metros quadrados. Pode ser que eu não alcance o ressurgimento da W3, mas tenho certeza que ela vai ressurgir.

E- Quando o Senhor pensa nela revitalizada, como o Senhor a imagina?

S- No futuro? Eu imagino a W3 como um comércio de lojas que precisem de muito espaço. Lojas de móveis, lojas de automóveis, lojas de maior espaço, não de boutique. Acho que vai ser um comércio mais especializado, como ferramentas, pneus, que já é inclusive, uma loja que precise de muito espaço, mas não aquela loja do comércio sofisticado.

E- Considerando que houve uma queda de movimento na W3, o Senhor já considerou sair da W3?

S- Não. O trabalho pra mim se tornou a melhor rotina que existe no mundo. Para não envelhecer mais rapidamente, eu continuo trabalhando. Eu pessoalmente, não. Pode ser que meus filhos, se eles quiserem continuar, `muda` da W3... Mas eu não acredito não. Eu acredito que o Roma pela sua tradição consegue sobreviver na W3, consegue superar esse problema.

E- Pessoas continuam vindo, então?

S- Tem muitos filhos e netos de fregueses que vêm aqui. Mas muito mesmo. Aqui eu já vi numa mesa só quatro gerações sentadas. Isso não é comum.

E- Pessoas importantes já passaram por aqui?

S- Nos anos 70, quem não passou no Roma, não viveu em Brasília, vegetou. O Roma era o rei dos restaurantes. Era badalado todas as noites. Sexta e sábado, a gente encerrava lá pelas 5, 6. Aqui passou todo mundo. Do motorista de táxi, aos senadores, aos ministros, aos embaixadores. Todo mundo, nos anos 70 e 80, passou pelo Roma. Nunca eu `teve` o privilégio de atender um presidente no seu mandato, mas o presidente Lula passou aqui, enquanto deputado. Fernando Henrique passou aqui enquanto senador. Os presidentes militares não `vinha`, mas pedia comida e eu mandava para o palácio da Alvorada. Enfim, muita gente passou aqui.

E- Artistas também?

S- Muitos. Tônia Carrero cansava de vir aqui. Cauby Peixoto, Ângela Maria. Gente da velha geração de artistas. Todos eles passaram aqui.

E- Recorda alguma história?

S- Eu tinha um freguês que morava em Brasília, o Waldick Soriano. Era um artista brega. Ele morava em Brasília e me dava problema quando entrava aqui. Porque o Roma de madrugada era frequentado por uma juventude de 25 a 30 anos mais ou menos e o Waldick vinha com alguma frequência nos finais de semana, ele entrava e todo mundo começava a cantar devagar `eu não sou cachorro, `no`, eu não sou cachorro, `no``. Waldick era acompanhado de guarda-costas. É, a situação se tornava delicada.

E- Prato-chefe do Roma?

S- Desde que eu sucedi o italiano, é o filé a parmegiana. Deve representar uns 25 a 30 por cento do movimento do Roma. Não mudou até hoje e a tendência é crescer. Sou muito tradicionalista na culinária. Eu acredito no `modernismo`, mas a gente acaba gostando mais do feijão com arroz do que de escargot e outros pratos exóticos.

E- O Senhor mudou de país, veio da Bélgica. Teve um motivo?

S- 21 anos e aventureiro. (Risos) É a única resposta que eu tenho.

20/08/2012

Arq. Frederico Flósculo – 10`

E- Queria saber sobre o projeto de 2002.

F- Foi um concurso nacional de estudos preliminares de arquitetura e urbanismo para revitalização da avenida W3 no Distrito Federal. Esse concurso foi produto de uma falha grave cometida pelo governo no começo da década anterior. Eles tentaram curar um erro que havia se iniciado há dez anos atrás. No projeto do metrô de Brasília, a primeira versão era que o metrô passaria na W3. Isso estava resolvido. E por razões cretinas, em nome de uma interpretação equivocada do tombamento, eles passaram o metrô para o eixo rodoviário. Na verdade foi a pior alternativa por muitas razões. O metrô é uma solução de transporte de massa bem radical. Qualquer cidade do mundo quando tem metrô é porque ela está congestionada ao ponto de não se ter condições de andar na rua. Então, você tem uma Londres no século 19 fazendo o primeiro metrô do planeta. Você tem uma Tóquio irrigadíssima. Você tem uma Paris irrigadíssima. Você tem cidades do mundo que não abrem mão de sua concentração e a solução dos metrôs é cada vez mais sofisticada. O metrô ainda tem um futuro brilhante em termos de integração das cidades. No caso de Brasília, a decisão inicial foi tentar passar o metrô no eixo de congestionamento mais importante e esse eixo de congestionamento efetivamente é a W3, sempre foi a W3. Só que ao passar pela W3, o metrô teria um efeito revitalizador impressionante. A W3 seria totalmente transformada só pela presença do metrô. Era impossível segurar a W3. Quando eu falo isso, não vejo o metrô como coisa ruim, ao contrário. Se o governo naquela época tivesse decidido passar o metrô na W3, nossos problemas teriam acabado. Nós teríamos transporte de massa onde há presença de pessoas, nós teríamos uma mudança imensa na organização da W3, nos gabaritos, nos tipos de edifícios e tudo. E teríamos o setor central de Brasília integrado a esse eixo, com outro eixo, o eixo monumental também integrado ao metrô. Nós teríamos um metrô que pareceria realmente com Brasília, um metrô em cruz e chegando em muitos outros lugares. Alguém começou um processo decisório horroroso que foi mudar o metrô para o eixo rodoviário. E só vejo uma possibilidade de fundamento para essa mudança. Lucro, puro e simples. Eles quando mudaram a parte subterrânea do metrô para o eixo rodoviário, eles continuaram a pagar aquele mesmo preço caríssimo em área urbana densa. A gente pagou aqui em Brasília o preço de um metrô de Nova Iorque. Sabe um metrô que está passando por edifícios quem tem 80, 100 andares de altura e tem estacas que você tem que desviar, caríssimo de fazer, a gente pagou no eixo rodoviário como se houvesse no eixo rodoviário edifícios gigantescos. No entanto, aquilo ali é que nem passar uma faca quente na manteiga. Foi o metrô mais lucrativo por metro, por quilômetro do planeta terra, caixa 2 em forma pura. A segunda razão, é que se o eixo era rodoviário porque não seria também metroviário. Metrô não é

uma solução para áreas urbanas congestionadas? Sim. Por que você vai passar o metrô onde não tem congestão nenhuma? Eles não fizeram o metrô onde deveriam e ficaram com a batata quente. `A W3 continua um problema, antiga, a W3 continua decadente. Sabe de uma coisa, vamos chamar os universitários, vamos chamar os urbanistas do Brasil para fazerem sugestões para a W3.` Aí fizeram o concurso nacional, 28 equipes do Brasil inteiro se inscreveram, metade de Brasília, aí aconteceu o seguinte: a minha equipe era a mais azarada de todas. Estava fazendo meu doutorado em psicologia, sou doutor em psicologia. Estava lá fazendo na área de psicologia ambiental que estuda as relações das pessoas nos espaços, das vizinhanças, é uma área linda de morrer, e o meu orientador me convida pra gente entrar nesse concurso. Digo, você é louco? Concurso de urbanismo é uma coisa difícilíssima, as equipes são muito boas, as equipes são gigantescas. Ele idealista, o Günther, coordenador do laboratório de psicologia ambiental da UnB. A gente faz uma pequena tese acerca da nossa área comum, arquitetura e psicologia, como é que ela pode contribuir para a revitalização. Então eu vou fazer uma bonequinha, um estudinho. Nós nos inscrevemos e eu com mais 11 psicólogos do laboratório, a gente discutia, dia sim, dia não. Fiz um trabalho de psicólogo, tanto é que as ilustrações são assim tolinhas. Tem gente até que compara, muito mal, o meu trabalho com o do Lúcio Costa que foi o cara que ganhou o concurso de Brasília. O Lúcio Costa também fez um trabalho assim. 98 por cento escrito com 2 por cento de uns desenhinhos muito simples e tal. Veio a calhar que todos os outros concorrentes propuseram coisas imprudentes para a W3. Todos os outros concorrentes propuseram uma W3 muito verticalizada e não refletiram sobre os processos humanos, culturais, sociais. Não havia reflexão nenhuma. Usando a linguagem da psicologia, é como você me viesse com um problema pessoal de depressão e eu não quisesse nem ouvir porque você estava deprimida. Ah, você tá deprimida, sabe de uma coisa, moça, compra uma ropinha bonitinha, vai pra um boteco, pra uma boate. Depressão a gente resolve é com roupinha e com sapatinho novo. Os arquitetos fazem isso. A banca quando comparou os trabalhos ficou chocada. Você quer revitalizar, você faz um corredor cultural. (...) E sabe como faz isso: Brasília, anfitriã da cultura brasileira, da cultura mundial. A gente faz isso convidando entidades. Eu cheguei a fazer uma listagem de mais de cem entidades. (...)

1988 (Arquivo Histórico DF)

Lúcio Costa – 1`

L- Eu concebi uma cidade com pinta, com característica de capital, numa escala de capital, de modo que cada carioca ou paulista que fosse lá, mesmo no início, não se sentisse numa cidade província, mas na capital da república, ainda que com uma vida precária, um tanto regional.

CRONOGRAMA

Atividades	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Pesquisa bibliográfica	X			
Pesquisa sobre a W3 Sul	X			
Entrevistas e captação de sons	X			
Roteiro e redação das reportagens		X		
Montagem e edição de áudio		X		
Análise das reportagens			X	
Revisão e considerações finais			X	
Apresentação				X

REPORTAGENS

O narrador

Rep_01

W3 Sul: do *glamour* à derrocada

3`46`

*

TEC. MÚSICA (BLUE RONDO A LA TURK – DAVE BRUBECK)

LOC.: Pichações, calçadas quebradas, abandono.////

TEC. RUÍDO TRÂNSITO

LOC.: Quem atravessa o Plano Piloto pela W3/ não imagina os dias de glória da avenida.// Além de lojas, bares e restaurantes da moda,/ o local era ponto de festas, teatro, cinema/ e até sambódromo.// A W3 é lembrada por antigos comerciantes,/ como seu Hely Couto,/ pelo glamour nas décadas de 60 e 70.//

TEC. SONORA HELY COUTO – 0.10

12.18...A W3 era tudo. Era o carnaval, era o desfile, era o ponto de encontro da juventude, era tudo...12.28

LOC.: Isso foi antes da chegada dos shoppings,/ conta o belga Simon Pitel,/ dono do restaurante mais antigo da cidade, o Roma,/ até hoje em funcionamento no local.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.15

*1.38...Em 64, se `ventilava` em shopping. Só existia nos Estados Unidos. Hoje, `no`...1.44
1.54...O shopping center, ele atrai muita gente, ele atrai pela concentração, pela segurança. Isso enfraqueceu o comércio de rua...2.02*

LOC.: A cidade também cresceu,/ constata Simon.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.20

2.26...É, o centro de Brasília se deslocou um pouco...2.29 2.36...Diz a história que é uma cidade sem esquina, mas ele se deslocou sim. E a W3 que, naquela época, era o centro de Brasília, hoje, se tornou um lugar meio esquecido. É, meio esquecido...2.54

LOC.: A revitalização da avenida ainda é incerta,/ na fala da arquiteta Rejane Vianna,/ da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação.//

TEC. SONORA REJANE VIANNA – 0.25

0.12...A gente já tem na parte da W2 todo o levantamento topográfico. E com relação à parte da W3, a gente não sabe ainda o que vai acontecer com relação ao VLT, se vai ser feito, se não vai ser feito...0.35

LOC.: Trazer vida de volta às ruas desafia arquitetos,/ como Vera Brandão,/ da Sedhab,/ e o professor da UnB,/ Frederico Flósculo.//

TEC. SONORA VERA BRANDÃO – 0.23

16.25...Talvez, melhorando o visual, o mobiliário urbano, as calçadas...16.33 17.17...O que o governo pode fazer é, talvez, essa coisa da requalificação pra ver se volta a atrair os comerciantes e a clientela. Porque calçada quebrada ninguém quer...17.32

TEC. RUÍDO OBRA

TEC. RUÍDO BUZINA

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.20

8.19...Não precisamos verticalizar a W3, se quer revitalizar, você faz um corredor cultural...8`24` 8`29`...Pega aquela 508, Espaço Renato Russo, e multiplica por 10, por 20, por 50, por 100, só que você não vai multiplicar de uma forma chapa-branca. As novas instituições da cultura não são públicas, são todas privadas...8.45

LOC.: De um lado casas e do outro as superquadras.// Espécie de bondinho moderno,/ há quem acredite que o VLT pode colocar a W3 novamente nos trilhos,/ dando início ao processo de revitalização da avenida.// Seu João Carlos,/ relojoeiro há 30 anos na região,/ alerta.//

TEC. SONORA JOÃO CARLOS – 0.07

4.46...Mas se botar o VLT e não botar uma integração boa, o quê que vai adiantar, vai ficar preso, a mesma coisa, o trânsito...4.53

TEC. RUÍDO BADALAR DO RELÓGIO

LOC.: Para Seu Hely,/ o importante é começar.//

TEC. SONORA HELY COUTO – 0.25

14.09...Eu sei que governar não é fácil, tem milhares de pedidos, diversas críticas, mas...14.18 14.42...tem também de olhar para Brasília...14.48 14.49...A capital precisa ter uma aparência bem adequada para os turistas e para a nossa população...15.00

TEC. RUÍDO TRÂNSITO

TEC. MÚSICA (BLUE RONDO A LA TURK – DAVE BRUBECK)

Deixas musicais

Rep_02

Simon Pitel, dono do mais antigo restaurante de Brasília, conta como era a W3 na década de 60 e 70: “Lula passou por aqui, FHC passou por aqui...”

4`24``

*

TEC. BG (ÂNGELA MARIA – TANGO PRA TEREZA)

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.12

0.15...Nasci na Bélgica, em Bruxelas, em 1936. Cheguei em Brasília em 1958...0.24

1.09...Em 1964,...1.10 1.18...eu comprei o restaurante Roma...1.20

LOC.: Simon Pitel é um dos comerciantes mais antigos da W3.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.06

5.18...Aqui eu já vi numa mesa só quatro gerações sentadas. Isso não é comum...5.24

LOC.: Uma história que se confunde com as memórias de Brasília.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.30

0.38...Comecei minha vida como mascate vendendo relógio na rua. Depois de um certo tempo me estabeleci com uma loja de roupa no Núcleo Bandeirante. Hoje chamada Núcleo Bandeirante, naquela época Cidade Livre. Em 1960, eu mudei para o Plano Piloto. Fiz fornecimento de roupa militar para o governo...1.07

LOC.: Com a construção das primeiras quadras no meio da Asa Sul, a W3 passou a ser local de passeio e de encontro.// Centro da cidade pequena que Brasília ainda era.//

TEC. BG (ÂNGELA MARIA – TANGO PRA TEREZA)

TEC. RUÍDO ABRIR DE GARRAFA, BRINDES, TALHERES E CONVERSAS

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.12

5.48...O Roma era o rei dos restaurantes. Era badalado todas as noites...5.57 6.05...Sexta e sábado, a gente encerrava lá pelas 5, pelas 6...6.08 6.23...Nunca eu `teve` o privilégio de atender um presidente no seu mandato, mas o presidente Lula passou aqui, enquanto

deputado. Fernando Henrique passou aqui enquanto senador. Os presidentes militares não `vinha`, mas pedia comida e eu mandava para o palácio da Alvorada...6.46

LOC.: Do motorista de táxi a embaixadores, ministros e parlamentares.// Nos anos 70, quem esteve em Brasília e não passou pelo Roma, não viveu,/ na opinião de Seu Simon.//

TEC. BG (ÂNGELA MARIA – ABANDONO)

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.10

0.07...Tônia Carrero cansava de vir aqui. Cauby Peixoto, Ângela Maria. Gente da velha geração de artistas...7.10

LOC.: Tantos fregueses ilustres renderam ao belga Simon histórias para saborear.//

TEC. BG (W. SORIANO – EU NÃO SOU CACHORRO NÃO)

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.37

7.15...Eu tinha um freguês que morava em Brasília, o Waldick Soriano. Era um artista brega. Ele morava em Brasília e me dava problema quando entrava aqui, porque o Roma de madrugada era frequentado por uma juventude de 25 a 30 anos mais ou menos e o Waldick vinha com alguma frequência nos finais de semana. Ele entrava e todo mundo começava a cantar devagar “eu não sou cachorro, `no`, eu não sou cachorro, `no`”. Waldick era acompanhado de guarda-costas. É, a situação se tornava delicada...7.52

LOC.: O plano de Lúcio Costa tomava corpo e,/ aos poucos,/ a W3 perdia clientela para o comércio das superquadras.// Quem conta/ é a arquiteta Vera Brandão.//

TEC. SONORA VERA BRANDÃO – 0.30

8.10...Quando eles criaram o Setor de Grandes Áreas, as 600 e 900, eles criaram esse fluxo no outro sentido, leste-oeste. Os carros passam pelos comércios locais que deixaram de ser locais e passaram a ser regionais...8.27 8.38...Começaram a desenvolver a rua das noivas, a rua das elétricas...8.48

TEC. RUÍDO PORTAS

LOC.: De 400 lojas,/ 62 já fecharam as portas.// Apesar do ar de abandono,/ Seu Simon garante/ que o movimento compensa/ e vê o futuro com otimismo.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.30

4.54...Eu acredito que o Roma pela sua tradição consegue sobreviver na W3, consegue superar esse problema...5.04

LOC.: Aliás,/ o prato mais pedido no Roma?//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.10

8.01...Desde que eu sucedi o italiano, é o filé à parmegiana. A tendência é crescer...8.26

TEC. MÚSICA (ÂNGELA MARIA – TANGO PRA TEREZA)

Diálogos

Rep_03

A W3 de outros carnavais

2`54``

*

TEC. RUÍDO TAMBORIM

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.28

4.10... “Adeus, adeus, estado da Guanabara, eu vou ficar em Brasília que é a capital joia rara. Tudo aqui tem esplendor, tudo aqui inspira amor, quem quiser pode voltar, mas em Brasília eu vou ficar”...4.28 0.41...Eu sou Jair do Apito, apitador de Brasília, fundador do carnaval de Brasília, fundador `do` Acadêmicos da Asa Norte. E desde 61 que eu desfilo nessa cidade...0.51

TEC. RUÍDO CAVAQUINHO E TAMBORIM

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.13

0.56...A W3 foi a avenida principal da nossa cidade naquela época, onde era o comércio, tudo direitinho ali, onde se encontravam as pessoas de antigamente...1.09

TEC. RUÍDO CAVAQUINHO

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.13

1.13...O carnaval teve uma época, 4 a 5 anos, ele foi feito na W3. E, por sinal, era uma afluência muito grande ali na W3. Porque, na década de 60, nós não tínhamos divertimento em Brasília...1.29

TEC. RUÍDO CUÍCA E PANDEIRO

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.10

1.41...Tivemos grandes carnavais ali, com Asa Norte, com Aruc, com blocos famosos, como Acadêmicos da Asa Norte, bloco do Barril, Independentes de Brasília...1.51

TEC. RUÍDO CAVAQUINHO E PANDEIRO

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.24

1.52...Foi uma época muito boa. Depois, infelizmente, com o tempo passando, os moradores não aguentaram, a estrutura também já não comportava, porque as escolas de samba, as agremiações foram crescendo, né, foram se tornando muito maiores, carros-alegóricos, essas coisas, e tivemos que tentar outros lugares, como Eixão, Rodoviária, como agora é lá no Ceilambódromo e etc, etc...2.16

TEC. RUÍDO CUÍCA E TIMBA

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.17

2.46....Disco daquela época não se gravava. As escolas de samba naquela época não `gravava`, na década de 60. Isso veio muito depois, passar a ter as agremiações carnavalescas de Brasília suas composições gravadas...3.03

TEC. BG RUÍDO CAVAQUINHO

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.16

4.28...“Aos domingos, vou ao Paranoá, se tiver tempo, saio para passear. Na cachoeira do Gama, existe um bom lugar pra se amar, por isso eu digo a vocês, que em Brasília eu vou ficar”...4.44

TEC. BG RUÍDO PANDEIRO E CUÍCA

TEC. SONORA JAIR DO APITO – 0.10

4.45...Gente, desculpa, não sou cantor, sou apenas diretor de bateria, muito obrigado pela oportunidade. Estamos aqui à ordem. Jair do Apito, bar Gandaia, aqui no Cruzeiro. Todos são bem `chegado`. Muito obrigado....4.55

TEC. SOBE SOM

Sinestesia

Rep_04
Retratos falados
 1`58``

*

TEC. RUÍDO RUA

LOC.: São quatro e meia da tarde de uma quarta-feira morna.// Na saída do banco/ que fica na W3 Sul,/ varro o chão com os olhos,/ farejando frinchas que abocanham saltos,/ e tropeço num tesouro arquitetônico.//

TEC. RUÍDO PASSOS

LOC.: Por baixo das solas dos sapatos,/ pedras de calcita portuguesa,/ de um branco encardido e de um preto acinzentado,/ revestem metros da calçada que se alonga monotonamente pela rua.// Retas, triângulos e círculos estilizados enfeitam o chão,/ uma versão Bauhaus do calçamento de Ipanema.//

TEC. RUÍDO FÓSFORO

TEC. RUÍDO MAR

LOC.: O homem que sai da banca de revistas ignora as pedras portuguesas.// Acende um cigarro e vai embora.// Retas e círculos ao pé da loja de ferragens também são invisíveis para a senhora pesadona que leva uma sacola de compras debaixo do braço.// Uma criança de mochila nas costas, no entanto, pula as ondas que quebram,/ geométricas,/ na calçada,/ enquanto o pai que a segura pela mão observa guitarras e baterias na vitrine de uma loja.//

TEC. RUÍDO CIGARRAS

LOC.: Imersos em pensamentos,/ as pessoas passam sobre os desenhos empoeirados.// O sol reluz no asfalto e banha o antigo calçamento.// No verde das folhas, o chocalho das cigarras.// Mais pra lá dos becos,/ senhores de idade jogam cartas à sombra de uma árvore retorcida.// Reza a história que os mosaicos de pedra portuguesa na W3 Sul/ são criação de um arquiteto chamado Fabrício Pedroza,/ ex-aluno de Oscar Niemeyer, Athos Bulcão e Alfredo Ceschiatti.//

TEC. VOZES NA PARADA DE ÔNIBUS

LOC.: Os pisos de Fabrício,/ feitos em 1972,/ época em que a vida fervia na W3,/ ainda resistem em alguns trechos da velha avenida.//

TEC. RUÍDO RUA

Discurso a sete vozes

Rep_05
Revitalização
4`17`

*

TEC. BG (TOM JOBIM – ÁGUA DE BEBER)

Loc.: (TEC. ECO) Frederico Flósculo.//

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.03

3.24...A gente pagou aqui em Brasília o preço de um metrô em Nova Iorque...3.27

TEC. RUÍDO BRITADEIRA

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.52

3.27...Sabe um metrô que passa por edifícios que tem oitenta, cem andares de altura? E tem estacas que você tem que desviar, caríssimo de fazer? A gente pagou como se no eixo rodoviário tivesse edifícios gigantescos, no entanto, aquilo ali é como passar uma faca quente na manteiga. Foi o metrô mais lucrativo por quilômetro do planeta terra. Foi uma baba...3.55 4.30...E o que isso tem a ver com a W3? Tem a ver com a W3, porque eles não fizeram o metrô onde deveriam, aí ficaram com a batata quente. “Sabe de uma coisa? Vamos chamar os urbanistas do Brasil pra fazerem sugestões sobre a W3”...4.54

TEC. BG (TOM & VINÍCIUS – SINFONIA DA ALVORADA)

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.32

2.20...Se o governo naquela época tivesse decidido passar o metrô na W3, nossos problemas teriam acabado, porque nós teríamos um transporte de massa onde há presença de pessoas, nós teríamos uma mudança imensa na organização da W3, nos gabaritos e tipos de edifícios, e nós teríamos um metrô que pareceria realmente com Brasília, um metrô em cruz e chegando em muitos outros lugares...2.52

Loc.: (TEC. ECO) Vera Brandão.//

TEC. SONORA VERA BRANDÃO – 0.24

14.20...Sinceramente, não tenho muita expectativa de que vá melhorar, não. De repente é só uma maquiagem, fazer um novo mobiliário urbano...14.38 14.49...Agora, eu acho, sinceramente, que numa rua que não tem comércio do outro lado, é meio difícil...14.55

Loc.: (TEC. ECO) João Carlos.//

TEC. SONORA JOÃO CARLOS – 0.14

1.49...Mas nossa W3 não pode ficar esquecida...1.51 1.54...Trabalhamos há 40 anos, 30, no meu caso, e eu gostaria que ela fosse revitalizada, de uma maneira que favorecesse o nosso trabalho...2.04 2.16...E aqui é uma beleza pra trabalhar. Eu gosto daqui...2.18

Loc.: (TEC. ECO) Hely Couto.//

TEC. SONORA HELY COUTO – 0.46

3.11...Sugeri para poder melhorar o aspecto da W3, criar ali uma fonte luminosa...3.17 6.22...Qualquer coisa que vier a ser feita na W3 beneficiaria muito aqueles pioneiros que estão aqui desde o início. É o meu caso, estou aqui há 51 anos. Ora, é uma história, é uma caminhada...6.44

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.20

47.26...A W3 vai ficar muito mais acessível com um VLT verde...47.33 48.02...Nessa versão pedestrializada, cicloviária, linda que transforme a W3 de uma forma bossa-nova...48.15

TEC. RUÍDO PÁSSARO

TEC. BG (TOM JOBIM – ÁGUA DE BEBER)

Loc.: (TEC. ECO) Simon Pitel.//

TEC. SONORA SIMON PITEL – 0.14

3.40...Eu imagino a W3 como um comércio mais pra lojas que precisem de muito espaço. Lojas de móveis, de automóveis...3.50 3.54...Não de boutique...3.58

TEC. SONORA FREDERICO FLÓSCULO – 0.16

12.04...A revitalização é uma coisa interna, é uma transformação nos padrões de política pública, de vida cultural da cidade. É Brasília, capital da cultura do país...12.20

Loc.: (TEC. ECO) Lúcio Costa.//

TEC. SONORA LÚCIO COSTA – 0.30

*0.02...Isso é que é importante, porque capital é construída para toda a vida...0.08 0.24...Eu
concebi uma capital, uma cidade com pinta, com escala de capital, de modo que cada
carioca ou paulista que fosse lá, mesmo no início, não se sentisse numa cidade província,
mas na capital da república, ainda que com uma vida precária, um tanto regional...0.48*

TEC. SOBE SOM